

Migrações e deslocamentos: balanço bibliográfico da produção antropológica brasileira entre 1940 e 2018

Bela Feldman-Bianco^I 

Liliana Sanjurjo^{II} 

Douglas Mansur da Silva^{III} 

À memória de Giralda Seyferth (1943–2017)

Introdução

Neste texto, apresentamos um balanço bibliográfico parcial da produção antropológica brasileira sobre migrações e deslocamentos entre 1940 e 2018, com especial atenção aos avanços obtidos na última década (2008–2018). Com base nesse levantamento e análise de uma série de resenhas sobre a temática publicadas entre 1988 e 2018, visamos examinar o estado da arte dessa área de estudos, considerando a sua interdisciplinaridade e destacando a relação entre conjunturas históricas, problemáticas de pesquisa e paradigmas teórico-metodológicos adotados através de tempos e espaços.

A fim de proporcionar melhor compreensão da produção antropológica e suas interfaces com outras disciplinas, oferecemos primeiramente um sintético panorama histórico das relações entre questões migratórias, economia política, racialização, estruturas de dominação, desigualdades sociais e formação de nação. Não obstante a relação

existente entre migração, raça e nação ter norteado o pensamento social brasileiro, escritos acadêmicos sobre a temática migratória no âmbito da institucionalização das ciências sociais foram inaugurados somente em 1940, com a publicação de *Assimilação e populações marginais no Brasil*, de Emílio Willems (Seyferth, 1997, 2004b). Como veremos, entre as décadas de 1940 e fins de 1980 — quando prevalecia certa indiferenciação entre as ciências sociais —, pesquisadores centralizaram a sua atenção nos antigos contingentes migratórios de várias nacionalidades que se radicaram no sul e no sudeste do país, priorizando o uso das categorias *imigração* e *imigrantes*. Se, entre 1940 e fins de 1970, predominaram abordagens assimilacionistas diversas, na década de 1970 novas pesquisas começaram a adotar paradigmas da etnicidade, relacionando nação e identidade étnica (Seyferth, 1982), com destaque para a utilização das noções *comunidade étnica/grupo étnico* e *fronteiras étnicas*, propostas por Frederick Barth (1969).

^IUniversidade Estadual de Campinas – Campinas (SP), Brasil. E-mail: bfb@uol.com.br

^{II}Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: lilisanj@yahoo.com.br

^{III}Universidade Federal Fluminense – Volta Redonda (RJ), Brasil. E-mail: douglasmansur@id.uff.br

Recebido em: 07/02/2020. Aprovado em: 13/03/2020

Na década de 1990, estudiosos passaram a privilegiar a relação entre *emigração* e *imigração* em uma conjuntura marcada pelos deslocamentos de brasileiros para o exterior, iniciados durante o governo Collor no contexto da crise global da década de 1980. Observa-se também um renovado interesse na *imigração histórica* no Brasil (Trpin; Jardim, 2015; Cavalcanti; Oliveira, 2018). Com o redirecionamento dos fluxos migratórios do sul para o norte global, surgiram novas temáticas de pesquisa e novos paradigmas transnacionais para a abordagem de campos e redes sociais de *migrantes internacionais* entre países de origem e recepção (Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton, 1992; Feldman-Bianco, 1992) ou a formação de comunidades transnacionais (Kearney; Nagengast, 1989). Além do mais, em vez de se restringirem às categorias dicotômicas *emigração* e *imigração*, novos conceitos foram formulados entre 1990 e os anos 2000 para salientar *as relações entre os movimentos de pessoas, signos e capitais* ou *as mobilidades* e a relação entre *circulação e globalização*. Mais recentemente, novas propostas teórico-metodológicas procuram evitar o persistente nacionalismo metodológico que impregna os estudos migratórios (Glick-Schiller; Çaglar, 2011; Feldman-Bianco, 2011b; 2015; 2018a).

Conquanto a maioria das etnografias focalize migrantes radicados no Brasil ou os assim chamados *brasileiros no exterior*, desde a década de 1990 têm surgido projetos comparativos entre Brasil e outros países (Feldman-Bianco, 1997a; 2000a; 2001; 2011b; 2012; 2018a; Piscitelli, 2013; Trpin; Jardim, 2015; Pinto; Baeza, 2017). Embora em número reduzido, antropólogos e antropólogas do Brasil também têm conduzido investigações sobre migrações e deslocamentos, principalmente na Améri-

ca Latina, na América do Norte, na África e na Ásia, sem quaisquer relações com os *emigrantes* brasileiros ou os *imigrantes* no Brasil (Feldman-Bianco, 1992; 1995; 1996; 1999; 2000b; 2009; 2011b; 2012; Hernandez, 2011; Lobo, 2014b; Thomaz, 2004b; 2006). Nota-se ainda progressivo empenho no acompanhamento de políticas migratórias, especialmente no que concerne à relação entre governabilidade tecnocrática, direitos humanos e securitização em um contexto marcado pela criminalização das migrações e dos deslocamentos. Sobretudo na última década, pesquisas com foco nos novos fluxos migratórios sul-sul — especialmente do Haiti, da África, da América Latina e da Ásia — estão suscitando novas questões sobre fronteiras, refúgio e refugiados. Ao mesmo tempo, novos paradigmas teórico-metodológicos enfatizam a necessidade de se levar em conta as várias escalas e tipos de deslocamento como parte dos mesmos processos sociais na atual conjuntura neoliberal (Feldman-Bianco, 2015; 2017; 2018a) e/ou lançam mão do conceito de *tecnologias de governo*, elaborado por Foucault (Fonseca *et al.*, 2016).

Esses desenvolvimentos indicam a necessidade de se examinar historicamente a formação do campo de estudos sobre migrações e deslocamentos nas ciências sociais brasileiras e na antropologia, especialmente. Com base nesse panorama mais amplo sobre a produção do conhecimento, deter-nos-emos à avaliação da literatura em três diferentes períodos históricos: entre 1940 e a década de 1980; os desdobramentos ocorridos entre 1990 e 2008; e os avanços obtidos na última década (2008-2018). Com base nesse balanço processual (e parcial) da bibliografia existente, poderemos delinear os avanços alcançados, assim como as limitações e os desafios a serem confrontados.

Migrações e deslocamentos: contextualizações históricas

Nossa perspectiva histórica e processual demanda considerar que embora a mobilidade humana seja milenar, os deslocamentos de pessoas pelo mundo se tornaram parte da formação do capital ainda durante a era das Grandes Navegações e das explorações marítimas, imbricando-se, assim, com a “invenção” da raça, o colonialismo, a expansão capitalista e as resultantes estruturas de dominação e desigualdades (Quijano, 2000; Feldman-Bianco, 2015). Posteriormente, com a formação do Estado-nação no século XVIII, as construções de alteridade e a racialização do outro — além do indígena, do negro, também do estrangeiro — passaram a constituir ameaças iminentes por trazerem à tona a questão da cidadania e a relação entre o Estado e a nação (Bourdieu, 2004). Não por acaso, a seleção, o controle e a fiscalização sobre quem pode ou não entrar, circular e sair por meio das fronteiras nacionais tornaram-se monopólio estatal. O aparato burocrático estatal abrangeu a criação de leis, políticas e regimes de identificação por meio da emissão de documentos destinados ao reconhecimento e ao controle de nacionais e não nacionais. Desse prisma, Torpey (1999) argumenta que os Estados-nações modernos e o sistema estatal internacional “monopolizaram os ‘meios legítimos de movimento’” de pessoas, tornando-as dependentes da autoridade estatal para se movimentarem — especialmente, embora não exclusivamente, por meio das fronteiras internacionais.

O invento do passaporte em 1919 possibilitou o reconhecimento recíproco de documentos de viagem entre os Estados-nações (Torpey, 1999). Em seguida, como mostram Betts e Kainz (2017), a emissão de *status* de refúgio e documentos de viagem pelo *Alto*

Comissariado para Refugiados da antiga *Liga das Nações* permitiu acesso à Europa aos grupos deslocados pelo colapso de impérios. Essas iniciativas, em conjunto com uma série de convenções elaboradas pela *Organização Internacional do Trabalho* entre 1925 e 1929 sobre os direitos dos trabalhadores aplicados às migrações, propiciaram as bases iniciais para a efetiva constituição de um regime global das migrações no decorrer das duas últimas décadas do século XX (Betts; Kainz, 2017). Já as principais estruturas criadas após a Segunda Guerra Mundial foram dirigidas aos refugiados. Embora formulada na década de 1990, a Convenção Internacional sobre os Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes e suas Famílias entrou em vigor somente em 2003, e vários países, incluindo o Brasil, deixaram de ratificá-la.

A intensificação dos deslocamentos humanos por meio de fronteiras nacionais em direção ao Norte Global — especialmente os do leste europeu e do norte da África à Comunidade Europeia, com o processo de regionalização da política migratória no espaço Schengen — norteou a expansão e a profissionalização de organizações internacionais dedicadas à formulação e à exportação de políticas migratórias globais, inclusive para países da América do Sul. Essas políticas globais, de forte influência neoliberal, que enfatizam a governança migratória, combinando proteção às fronteiras e aos migrantes e que culminaram no Pacto Global das Migrações, estão sendo acompanhadas por um crescente rigor no controle e na fiscalização por meio de medições biométricas e tecnologias de identificação dos sujeitos migrantes (Feldman-Bianco, 2018b; Dias, 2018).

Nesse cenário, as classificações de migrantes e outras populações subalternas, abarcando também raça, racialização e gênero, tornaram-se constitutivas das violências

estruturais e estatais no passado e no presente. Tensões e ambiguidades envolvendo projetos migratórios têm se interligado constantemente à problemática racial e à diferenciação histórica entre migrantes considerados desejáveis e indesejáveis. Nesse tocante, Seyferth (2002) nos adverte que, no caso brasileiro, a questão racial esteve implícita nos projetos imigrantistas desde 1818, ainda antes do termo *raça* fazer parte do nosso vocabulário científico e de preocupações com a formação nacional. Contudo, ressalta que a construção social da superioridade branca enquanto justificativa de um modelo de colonização centrado na pequena propriedade familiar, com base na vinda de imigrantes europeus, só ocorreu mais objetivamente a partir de meados do século XIX e, portanto, em uma conjuntura de formação de nação e de ideologias eugênicas e higienistas.

Não por acaso, como observa Domenech (2015), diante das ideologias racistas, as políticas migratórias estabelecidas na América do Sul — e não só no Brasil — visavam predominantemente ao branqueamento das nações por meio do recrutamento de determinados imigrantes europeus considerados os mais brancos e, como tal, agentes da civilização e do progresso. Essas políticas classificavam como *indesejáveis* os chineses, os doentes físicos e mentais, os “subversivos” — nomeadamente os anarquistas — e os delinquentes, marginais e transgressores de leis jurídicas e morais, como as prostitutas (também conhecidas como escravas brancas), os traficantes de prostitutas ou de entorpecentes.

Apesar de eventuais mudanças de legislação, as políticas de segurança nacional se perpetuaram e se intensificaram no decorrer do século XX, com períodos de maior exacerbação de nacionalismos, como no Brasil durante a Campanha de Nacionalização do

Estado Novo (1937–1945), na ditadura civil militar (1964–1985) e desde a posse de Bolsonaro em janeiro de 2019. No limiar do século XXI, junto ao processo de regionalização da política migratória ligado à constituição de um regime global de controle das migrações internacionais, as políticas de regulação tecnocrata de fluxos migratórios engendraram novas formas de organizar e classificar os fluxos migratórios, eventualmente adotadas pelos países sul-americanos. As antigas categorias e classificações de indesejáveis foram subsumidas nas “novas ameaças” estabelecidas pela comunidade internacional, como o narcotráfico, o terrorismo, o tráfico de pessoas e a migração indocumentada (Domenech, 2015).

Anos 1940–1980. A constituição de um campo de estudos sobre imigração no Brasil. De perspectivas assimilacionistas ao foco em etnicidade: temas e debates

Como assinala Seyferth (2004b), a questão imigratória no Brasil tem sido estudada desde a segunda metade do século XIX por várias áreas de conhecimento, existindo vasta historiografia que inclui literatura produzida por imigrantes radicados no país. Nesse cenário, talvez não seja circunstancial o envolvimento de antropólogos e sociólogos imigrantes e descendentes de imigrantes na delimitação e no desenvolvimento do campo de estudos imigratórios nas ciências sociais brasileiras. As primeiras pesquisas de cunho antropológico e sociológico sobre a temática foram conduzidas pelo imigrante alemão Emilio Willems, docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) e da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) entre 1936 e 1948, em um período

em que a formação em Ciências Sociais era recente e contava com o apoio de missões estrangeiras.

Em uma conjuntura global de exacerbados nacionalismos e ideologias assimilacionistas, quando a Campanha de Nacionalização do Estado Novo (1937–1945) forçava o brasileiroamento (ou o caldeamento) e, portanto, a supressão das diferenças culturais e linguísticas da população alienígena (Seyferth, 2004b, p. 5), Willems (1940) priorizou inicialmente os conceitos de *assimilação* e *marginalidade*. Embora crítico da ditadura, seu *Assimilação e populações marginais no Brasil* (Willems, 1940) — no qual salienta a resistência dos imigrantes alemães à assimilação — influenciou ao menos um oficial do Exército a pensar a nacionalização enquanto um processo educativo (Seyferth, 1997). Entrementes, como Oliveira (2018) nota, suas publicações indicam uma lenta mudança da adoção de um modelo racial-assimilacionista para um modelo de transformações culturais por meio de processos de aculturação de grupos imigrantes (Willems, 1940; 1941; 1944; 1946; 1947)¹. Com observações de campo sobre processos de aculturação, suas opções teórico-metodológicas foram influenciadas por perspectivas assimilacionistas da antropologia e sociologia americanas com foco no contato cultural, representadas pela Escola de Chicago, liderada por Robert Redfield, assim como pelo culturalismo boasiano de Melville Hersko-

witz, que lhe haviam sido apresentadas por Donald Pierson, professor da ELSP entre 1939 e 1959.

Dada a expansão dos interesses internacionais norte-americanos no Pós-Guerra e o influxo de novas verbas, Pierson conseguiu criar na ELSP um projeto institucional dirigido à divulgação e ao desenvolvimento da antropologia e da sociologia culturalista americana em São Paulo, que contou inclusive com um Programa de Pós-Graduação em Antropologia (Taniguti, 2018). Tendo em vista sua parceria com Pierson e a disponibilidade de verbas, Willems teve condições de desenvolver projetos de investigação que contaram com alunos tanto da USP quanto da ELSP (como Florestan Fernandes e Hiroshi Saito) e com colegas de ambas as universidades (como Herbert Baldus, da ELSP²; Egon Schaden e Gioconda Mussolini, da USP)³.

A imersão de Willems na literatura culturalista americana o levou a lançar, em 1946, uma edição expandida de seu livro sobre os alemães do Vale do Itajaí, intitulada *A aculturação dos alemães no Brasil* (Seyferth 2004a; 2004b), assim como a realizar o primeiro estudo de comunidade no Brasil, conduzido no município de Cunha, São Paulo, cuja primeira edição veio a lume em 1948. Em um período em que o foco no contato cultural era predominante na antropologia e não só nos estudos migratórios, as investigações sistemáticas de Willems sobre fenô-

1 A década de 1950, vários estudos utilizaram o paradigma da aculturação: entre outros, Wilson Martins (1989), sobre fenômenos de aculturação no Paraná; Fuji e Smith (1959), sobre a aculturação de imigrantes no Brasil; e Schaden (1956; 1957; 1973), sobre a aculturação de japoneses e alemães no Brasil.

2 Embora Baldus e Egon Schaden fossem especialistas em etnologia indígena, ambos compartilhavam com Willems o interesse pela questão imigratória no país, assim como o foco em contato cultural e aculturação (vide Schaden, 1956), que, aliás, era à época também predominante nas investigações sobre os índios no Brasil.

3 Seus estudos experimentais sobre imigrantes japoneses resultaram em artigos colaborativos com Herbert Baldus (Baldus; Willems, 1941; Willems; Baldus, 1942) e com o imigrante japonês Hiroshi Saito (Saito; Willems, 1947).

menos presentes na vida de imigrantes foram reconhecidas, nas ciências sociais brasileiras, inclusive por seus críticos (Taniguti, 2018). Comparativamente, as suas tentativas de articular a análise de mudanças culturais por meio da aculturação com o estudo de comunidade foram alvo de ataques ferrenhos de Caio Prado Jr. (1948), Florestan Fernandes (1949) e seus discípulos — entre os quais, Carvalho Franco (1963), Cardoso de Oliveira (1964) e Ianni (1961b) —, assim como por Guerreiro Ramos (1948), Costa Pinto (1950), Manuel Diegues Jr. e Arthur Neiva (1956), entre outros.

Mesmo antes de externar sua crítica aos estudos de comunidade, Fernandes (1949), que fora assistente de pesquisa de Willems na investigação conduzida em Cunha, já havia manifestado a sua insatisfação com os enfoques culturalistas em artigo publicado ainda em 1948 na revista *Sociologia*, coeditada por Willems (Jackson, 2009). Para Taniguti (2018), essa visão crítica aos estudos de comunidade, junto à participação no projeto *Tensions Affecting International Understandings* (1947–1951) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que abarcava tanto a temática racial quanto a da imigração, foram fundamentais para a elaboração de seus paradigmas sociológicos em uma conjuntura de pós-guerra, quando questões relativas à industrialização e ao desenvolvimento econômico e social se tornavam centrais nas agendas de pesquisas de cientistas sociais.

Naquele contexto, novas abordagens sobre a questão imigratória, ancoradas em debates internacionais no âmbito desse projeto, com destaque à contribuição de Samuel Noah Eisenstadt (1954; 1956) sobre a absorção e adaptação econômica de imigrantes nos processos de modernização em Israel, progressivamente passaram a utilizar a noção de *integração* para examinar as contribuições *positivas* dos imigrantes às sociedades de destino⁴. Da mesma forma, Fernandes, cujo projeto original de doutorado havia sido sobre a religião de imigrantes sírio-libaneses para o qual realizou pesquisa parcial (Brasil Jr., 2010), priorizou análises assimilacionistas com foco na *integração* de imigrantes na sociedade de classes⁵. Já Manuel Diegues Junior (1964), participante ativo do projeto *Tensões, destacadou a relação entre Imigração, urbanização, industrialização*. No caso de Fernandes, dada a sua participação também no projeto da UNESCO sobre relações raciais no Brasil (Bastide; Fernandes, 1959), seus paradigmas incluíam perspectivas comparativas entre imigrantes e descendentes de escravos, no que tange à superposição entre raça e classe enquanto obstáculos à integração dos negros em uma sociedade de classes brasileira permeada por uma antiga ordem escravocrata que, em última análise, obstruía o florescimento da democracia no país⁶. Como Cavalcanti e Oliveira (2018) relembram, também Alberto Guerreiro Ramos (1948), outro conhecido estudioso das

4 *The positive contribution by immigrants*, organizado por Handlin (1955), foi um dos livros resultantes desse projeto, que conta com um capítulo sobre o caso brasileiro de autoria de Emílio Willems. Outro livro, *The cultural integration of immigrants*, organizado por Borrie (1956), conta com contribuições de 17 países, entre os quais o Brasil, cujo capítulo é de autoria de Diegues Jr. e Neiva (1956).

5 Com base nessa pesquisa desenvolvida na década de 1950, Fernandes publicou artigos sobre sírio-libaneses, em 1956 e 1967.

6 Vide “Imigração e Relação Raciais” (Fernandes, 1966).

relações raciais no Brasil, abordou a relação entre imigração e preconceito.

Fernandes (1964; 1966) destacou a mobilidade social ascendente dos imigrantes em comparação às barreiras vivenciadas pelos descendentes de escravos, inclusive no mercado de trabalho. Essa formulação fundamentou o projeto de relações raciais no Brasil Meridional, compreendendo uma série de investigações conduzidas por alguns de seus discípulos sob sua coordenação, que resultaram em importantes publicações⁷. Entre as várias publicações advindas desse projeto, o estudo conduzido por Octavio Ianni em Curitiba sobressai por revelar os preconceitos sofridos pelos imigrantes poloneses, conhecidos pejorativamente como “polacos” (Oliveira, 2018). Entretanto, provavelmente em razão da ênfase dada à mobilidade social de imigrantes, ele se mostrou surpreso em descobrir que a discriminação e o preconceito não atingiam apenas descendentes de escravos africanos, mas também imigrantes poloneses (Ianni, 1960; 1961a; 1966). Se esses resultados indicam os limites de uma análise centrada tão somente nas relações dicotômicas entre brancos e negros, o foco na mobilidade social de imigrantes incorre no perigo de se expor sua pretensa “integração” na sociedade de classes unicamente como empreendedores ou trabalhadores, desconsiderando eventuais questões relacionadas à etnicidade e às diferenças culturais nos jogos de poder⁸.

Conquanto as perspectivas centradas na *modernização* e na *integração* de imigrantes na sociedade de classes começassem a dife-

renciar, segundo Fernandes, a sociologia e a antropologia feitas no Brasil, suas concepções em conjunto com as de Eisenstadt exerceram certa influência nos estudos antropológicos sobre migrações. Basta lembrar que, apesar de Egon Schaden — expoente do enfoque de contato cultural nos estudos etnológicos e imigratórios — designar Eunice Durham e Ruth Cardoso a pesquisarem, respectivamente, imigração italiana (Durham, 1966) e imigração japonesa (Cardoso, 1959; 1963), ambas fizeram uso dos paradigmas de Fernandes e Eisenstadt. Posteriormente, em uma época de intensa migração interna, Durham (1973), deslocando-se dos estudos imigratórios para uma investigação da migração rural-urbana, que refletia também seu interesse nas temáticas da família e da construção da periferia, valeu-se das abordagens de Eisenstadt na elaboração de seu clássico *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. Também Ruth Cardoso (Cardoso; Durham, 1972; Cardoso, 1994) enveredou em pesquisas sobre movimentos sociais na periferia com foco em populações migrantes.

Entretanto, independentemente das várias contribuições, tanto no que tange aos estudos que priorizam o *contato cultural* quanto a *integração* e a *mobilidade social*, chama a atenção a persistência por quase 40 anos de perspectivas assimilacionistas, sejam elas centradas na *aculturação* de imigrantes, sejam centradas em sua *integração* na sociedade de classes. Trata-se de uma literatura que tendeu a examinar a imigração quase que exclusivamente na sociedade de destino

7 Por exemplo: *Cor e mobilidade social em Florianópolis*, de Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni (1960); *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, de Fernando Henrique Cardoso (1962); e *As Metamorfoses do Escravo. Apogeu e crise da escravatura no Brasil Meridional*, de Octávio Ianni (1962).

8 Esse é o caso, por exemplo, do estudo de José de Souza Martins (1973) *Conde Matarazzo: o empresário e a empresa*.

e a identificar imigrantes de acordo com suas nacionalidades *a priori* definidas e, portanto, naturalizadas, refletindo o nacionalismo metodológico já predominante naquela época.

Nesse contexto, *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana*, de Constantino Ianni (1963), foge à regra ao examinar criticamente a emigração de italianos para as Américas e, especialmente, para o Brasil, antecipando-se em duas décadas à perspectiva transnacional de migrações (Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton, 1992; Basch; Glick-Schiller; Szanton-Blanc, 1994). Centrando seu estudo na emigração, Constantino Ianni revela as políticas do Estado italiano que produziam emigrantes e estimulavam a sua contínua ligação com a terra natal como parte constitutiva de sua política interna e internacional, assim como os interesses da indústria migratória que norteiam a emigração e seus beneficiários. Ao mesmo tempo, retrata o drama da emigração, inclusive o retorno daqueles que não fizeram a “América”, e o impacto da emigração na sociedade de origem. Essas problemáticas surgirão com força a partir da década de 1990, nos estudos migratórios realizados por antropólogos e antropólogas do Brasil especialmente, mas não apenas, nas investigações sobre a migração de brasileiros para o exterior.

Nos anos de 1970, ainda baseados em enfoques assimilacionistas, vários trabalhos sobre a questão imigratória fo-

ram publicados, entre os quais Azevedo (1975), Borges Pereira (1974), Vieira (1973), Saito e Maeyama (1973), Martins (1973) e Schaden (1973). Nessa década, segundo Oliveira (2018), a temática da imigração lentamente perdeu a importância na sociologia em razão da primazia do conceito de classe social ante as noções de *etnia, integração e aculturação*, resultando em certa invisibilidade da questão imigratória. Na antropologia, enquanto os movimentos migratórios do campo para a cidade atraíam a atenção de pesquisadores, a noção de etnicidade ganhou ímpeto após a publicação de *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*, de Fredrick Barth, e de *Custom and Politics in Urban Africa*, de Abner Cohen, ambos em 1969⁹. Como corolário, a partir de meados dos anos 1970, em um período de criação de Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social, caracterizados pela inter-relação entre pesquisa e docência e formação de novas gerações de antropólogos, as prevalentes perspectivas assimilacionistas começaram a ser substituídas por paradigmas que priorizam as noções de *etnicidade, grupo étnico e fronteiras étnicas* não só nos estudos imigratórios, mas na antropologia em geral e, principalmente, nos campos mais amplos da etnologia indígena e (outras) populações tradicionais¹⁰.

9 Vale ainda salientar que a ênfase em etnicidade também ocorreu em um período de mudança de ideologias nos Estados Unidos, da assimilação ao pluralismo cultural (Govers; Vermeulen, 2000).

10 As perspectivas da etnicidade foram influenciadas por duas vertentes da antropologia britânica: a de Edmund Leach, no caso de Fredrick Barth, e a da Escola de Manchester, no que concerne a Abner Cohen. A noção de “fricções étnicas” de Roberto Cardoso de Oliveira (1976) igualmente recebeu influências das etnografias manchesterianas. No que se refere à abordagem de Barth, seus preceitos extrapolaram o campo de estudos migratórios, exercendo especial influência nas áreas de etnologia indígena e outras populações tradicionais por permitir expor os processos de autoidentificação do grupo étnico enquanto grupo de interesse, tornando-se ferramenta importante na elaboração de pareceres relacionados à demarcação de terras indígenas e quilombolas.

Esses (então) novos paradigmas certamente renovaram os rumos da investigação com base, no entanto, em certas continuidades. Giralda Seyferth, referência obrigatória nos estudos antropológicos sobre imigração no Brasil, destacou-se por examinar as relações entre imigração, colonização e a antropologia do campesinato e das classes trabalhadoras, bem como por expor as conexões intrínsecas entre nação, raça, minorias étnicas, relações interétnicas, racismo e xenofobia com base em análises etno-históricas. Dessa perspectiva, voltou-se ao estudo dos antigos contingentes de imigrantes alemães do Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, região da qual é originária e que havia sido foco das investigações de Emílio Willems.

No Mestrado, sob orientação de Luiz de Castro Faria, Seyferth focalizou os processos de formação, organização e estratégias de reprodução do campesinato alemão e seu papel no desenvolvimento regional desde a vinda dos primeiros contingentes de imigrantes à região, como parte da política de colonização do Estado brasileiro. Nessa pesquisa, Seyferth (1974) também se beneficiou de interlocuções com Francisca Keller (já referenciada como Francisca Vieira, 1973), cuja tese sobre imigração japonesa havia sido influenciada pelos preceitos de Eisenstadt, assim como de outros participantes do *Projeto Comparativo de Desenvolvimento Regional: Nordeste e Centro-Oeste*, então coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira, no Museu Nacional. Com base nessa perspectiva, Seyferth contestou, com base em dados etno-históricos, a interpretação de Willems sobre a origem artesanal da industrialização de Brusque, demonstrando a existência de capital comercial local, a potencialidade de

um mercado regional consumidor e a disponibilidade de mão de obra, assim como os processos de proletarianização que começaram a ocorrer após a Segunda Guerra Mundial, quando as atividades industriais suplantaram as atividades agrícolas. Já em sua tese de doutorado, *Nacionalismo e Identidade Étnica*, orientada por Ruth Cardoso e publicada em 1982, apoiou-se nas abordagens de Barth e Weber a fim de examinar a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro no contexto da história de colonização e desenvolvimento de uma localidade do Vale do Itajaí. Ao mesmo tempo, continuou a focalizar a relação entre *nação* e *minorias étnicas* e a utilizar as noções de *assimilação*, *aculturação* e *integração* de imigrantes na localidade (e país) de imigração.

Para além das relações entre nação e identidade étnica, etnicidade e cidadania (Seyferth, 1983), assim como entre imigração, colonização e identidade étnica (Seyferth, 1987), Seyferth contribuiu, já na década de 1980, para discernir as relações entre imigração e raça no pensamento social brasileiro. Enquanto as análises com foco em classe social e teoria da modernização enfatizaram a mobilidade social dos imigrantes em detrimento dos antigos escravos, ela dedicou atenção às conexões entre imigração, miscigenação e branqueamento (Seyferth, 1985; 1986; 1991), trazendo à tona questões relacionadas às hierarquias raciais e ao racismo (Seyferth, 1996; 2000; 2002), também estudadas por Ramos (1996). Contribuiu ainda para um conhecimento detalhado sobre políticas de colonização e imigração através do tempo (Seyferth, 1990; 2000; 2002). Não por acaso, durante a sua trajetória, Seyferth não só orientou pesquisas sobre os anti-

gos contingentes de imigrantes de várias nacionalidades que se fixaram no Brasil, como Bahia (2000), Blanchette (2001), Mansur da Silva (2007), Moraes (1996), Renk (1990) e Santos (2004), como também orientou dissertações e teses sobre relações raciais e étnicas, focalizando afro-brasileiros ou, ainda, populações indígenas, entre outros temas¹¹.

Por sua vez, em *Negros estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*, Maria Manuela Carneiro da Cunha (1985) descortinou os limites da liberdade e de cidadania confrontados por esses migrantes forçados que haviam sido alforriados, examinando suas reconstruções identitárias. Combinando o estruturalismo de Lévi-Strauss com o processualismo de Abner Cohen e sua experiência enquanto estudiosa de questões identitárias entre os Krahó, Carneiro da Cunha (1985) desvendou os complexos meandros da construção de identidade étnica, indicando como esses “brasileiros” procuraram manter, com base em suas experiências específicas, a língua portuguesa, o catolicismo como religião, assim como o calendário de rituais festivos brasileiros através das gerações. Várias publicações se seguiram sobre a volta de ex-escravos à África (cf., por exemplo, Guran, 2000).

Como veremos, nas décadas de 1990 e 2000, estudiosos das migrações internacionais persistiram em centralizar sua atenção às problemáticas relacionadas às identidades, à etnicidade e à cidadania. Voltaram-se também à investigação e ao acompanhamento

de políticas migratórias e à construção da “ilegalidade”, assim como ao estudo do mercado de trabalho laboral e, nesse contexto, à análise do retorno como parte do processo migratório. A opção por essas temáticas deve-se diretamente ao crescente redirecionamento dos movimentos migratórios do Sul global para o Norte global — especialmente dos brasileiros para o exterior — e, consequentemente, às novas formas securitárias de organizar os fluxos migratórios e classificar os indesejáveis em um cenário de expansão de ideologias e retóricas multiculturalistas no Norte global.

Anos 1990–2000. Da inter-relação entre imigração e emigração aos movimentos transnacionais de pessoas, símbolos e capitais

Em seu balanço sobre os estudos migratórios realizados no decorrer das duas últimas décadas do século XX, Assis e Sasaki (2001) nos informam que, não obstante o revigorado foco nas migrações históricas para o Brasil, menor atenção foi dedicada aos contingentes que chegaram ao país desde os anos 1970, oriundos, em sua maioria, da Coreia, da América Latina — particularmente da Bolívia — e da África. Notaram, entretanto, uma proliferação de estudos sobre as novas migrações de brasileiros que se espalhavam pelo mundo principalmente a partir da segunda metade dos anos 1990, a maioria em situação indocumentada. Esses desenvolvimentos expandiram o campo de estudos das migrações internacionais, resultando na criação de novos grupos de

11 Para melhor compreensão da trajetória intelectual de Seyferth, ver Santos e Reinheimer (2019).

trabalho, linhas de pesquisa e centros de investigações sobre a temática¹². Ao mesmo tempo, geraram novas questões de pesquisa relacionadas especialmente à migração indocumentada, ao trabalho e à cidadania, ao gênero e a interseccionalidades e reconfigurações identitárias no contexto de políticas norte-americanas e europeias de crescente securitização e, nesse sentido, à necessidade de adoção de novos paradigmas teórico-metodológicos¹³.

Nesse cenário, como parte do renovado interesse pelo estudo das migrações históricas com base em paradigmas que enfatizavam a identidade e a etnicidade, o grupo de pesquisa interdisciplinar História Social da Imigração para São Paulo (1880–1950), formado ainda no final dos anos 1980 no Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (IDESP), sob a coordenação de Boris Fausto e Sérgio Miceli, centralizou predominantemente a sua atenção nas relações entre

imigração, mobilidade social e etnicidade no espaço urbano. Estudos de caso focalizando antigos contingentes de imigrantes de várias nacionalidades que haviam se radicado em cidades paulistas, resultaram em várias publicações sobre *Fazer a América* (Fausto, 1999). Equacionando nacionalidade e grupo étnico, essas pesquisas focalizaram, entre outros, a mobilidade social de sírio-libaneses (Truzzi, 1991), as conexões entre negócios e família entre armênios (Grün, 1992), os médicos italianos (Salles, 1997), a relação entre imigração e política (Fausto *et al.*, 1995) e, ainda, o cancionista japonês (Sakurai, 1993) e a relação entre imigração e futebol (Araújo, 2000) no país de destino.

Também começaram a surgir, a partir da segunda metade da década de 1980, estudos no âmbito da antropologia brasileira sobre migrações transnacionais sem conexão com o Brasil, como a pesquisa etno-histórica de Bela Feldman-Bianco sobre os significados

12 Entre fins da década de 1980 e o ano 2000, foram criados, entre outros, o grupo de pesquisa interdisciplinar História Social da Imigração para São Paulo (1880–1950) no IDESP; o CEMI do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e linhas de pesquisa no NEPO, no Centro de Memória e no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, na Unicamp; um grupo de pesquisas sobre migrações internacionais no Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU)/USP; além da formação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e que, posteriormente, foi trasladado como laboratório e grupo de pesquisa para o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A missão do NIEM, de formação de uma biblioteca sobre migrações, refúgio e mobilidade espacial, resultou em um importante informativo diário sobre essas questões a nível global, assim como diversas coletâneas com base na promoção de seminários sobre temáticas migratórias (Ferreira *et al.*, 2010; Povia Neto; Ferreira, 2005; Povia Neto; Santos; Petrus, 2016; Santos *et al.*, 2014; Seyferth *et al.*, 2007; Zanini; Povia Neto; Santos, 2013). Periódicos como *Travessias*, da Missão Paz, *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* (REMHU), do Centro Scalabriano de Estudos Migratórios (criada em 2006), e o Caderno de Debates sobre Migrações, Refúgio e Cidadania, do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH) vinculado à Congregação das Irmãs Scalabrianas, tornaram-se importantes veículos de difusão de pesquisas sobre as temáticas em pauta. Ademais, novos núcleos e laboratórios de pesquisa, tais como o Laboratório de Estudos Migratórios (LEM) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e o Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) na Universidade de Brasília (UnB), assim como novos grupos e linhas de pesquisa sobre migrações e refúgio, foram criados por uma nova geração de pesquisadores.

13 A realização de estudos sobre brasileiros no exterior resultou também na atuação política de pesquisadores em defesa dos direitos de cidadania desses migrantes transnacionais, como já havia acontecido no passado, desde Emílio Willems, com relação aos imigrantes no Brasil. Essa atuação política também ocorre no presente, especialmente no que concerne aos migrantes transnacionais e outros deslocados residentes em várias localidades e regiões do país. Embora merecendo atenção e análise, essa temática não pôde fazer parte do escopo desta resenha.

das múltiplas temporalidades e espacialidades portuguesas inscritas em New Bedford, cidade secularmente conhecida como a capital dos portugueses nos Estados Unidos. Deparando-se, naquela época, com a reestruturação da economia política global, novas imaginações de nação baseadas em população em vez de território, políticas norte-americanas que favoreciam a migração em cadeia e a renovação dos contingentes migratórios em cidades americanas, pesquisadores da questão migratória nos Estados Unidos passaram a questionar o persistente foco nos “desenraizados” e noções tradicionais sobre migração, nacionalismo e cidadania restritas ao país de destino.

Em uma fase de elaboração da perspectiva transnacional das migrações (Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton, 1992), quando se indagava se o transnacionalismo e a transmigração eram fenômenos novos ou antigos, Feldman-Bianco (1992) indicou que, embora imigrantes portugueses tivessem mantido conexões com suas localidades de origem, a renovação desses contingentes migratórios entre as décadas de 1960 e 1980 resultou no aumento de suas conexões, por meio da intensificação de campos sociais e práticas transnacionais e, ao mesmo tempo, em exacerbações de seu localismo como enclave étnico na cidade. Dessa perspectiva, analisou as construções diferenciais de gênero, classe, etnicidade e nacionalismo como produtos de forças que se estendem além da comunidade local e abrangem as construções raciais embutidas nos processos de reconfiguração da nação tanto em Portugal quanto nos Estados Unidos (Feldman-Bianco, 1991; 1992). Fazendo uso da linguagem visual e em diálogo com E. P. Thompson (1967) sobre a transição do “tempo natural” para o “tempo disciplinado do capitalismo industrial”, seu estudo revelou como, nessa cidade industrial

americana, homens e mulheres de origem rural, que se tornaram operários industriais, viviam simultaneamente essas distintas temporalidades e espacialidades, e como essa simultaneidade, exacerbada pela reelaboração no cotidiano de símbolos e práticas sociais associadas ao passado rural na terra natal, afetava as relações de gênero e entre gerações na casa transmigrante (Feldman-Bianco, 1991; 1997a; 1998; 1999).

Em uma conjuntura marcada por emergentes debates sobre globalização e o iminente desaparecimento dos Estados-nações, incluindo o Brasil (Ianni, 1992; Ortiz, 1996), Feldman-Bianco (1995) demonstrou, ao contrário, os processos de reconfiguração do Estado pós-colonial português e de suas narrativas nacionais em um contexto de reestruturação do capitalismo global e de mudanças nos modos de governabilidade. Se o seu estudo de caso realizado nos Estados Unidos a levou a examinar a construção de uma nação desterritorializada portuguesa que incorpora sua população disseminada pelo mundo, sua pesquisa comparativa dos movimentos migratórios entre Portugal e Brasil lhe permitiu vislumbrar o aumento de controle nas fronteiras nacionais contra o ingresso de imigrantes considerados indesejáveis e, desse ângulo, o simultâneo e inter-relacionado processo de reterritorialização do Estado pós-colonial português à Europa Fortaleza (Feldman-Bianco, 1995; 2001). Essa análise trouxe à tona questões sobre colonialismo e pós-colonialismo, assim como a necessidade de uma abordagem mais ampla sobre as migrações, abrangendo não só os movimentos transnacionais de pessoas, mas também de símbolos, produtos e capitais (Feldman-Bianco, 2001).

Essa perspectiva mais ampla das migrações fundamentou o programa interdisciplinar e interinstitucional de pesquisas Identifi-

dades: Reconfigurações de Cultura e Política — do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) —, realizado entre 1997 e 2004 sob coordenação de Feldman-Bianco, no então recém-formado Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)¹⁴. Enquanto estudiosos das migrações no Brasil seguiam utilizando as categorias binárias *emigração* e *imigração* (Patarra, 1996; 2005) e a noção de grupo étnico de Barth, esse programa de pesquisas comparativas teve como objetivo examinar os movimentos de populações, signos e capitais por meio de estudos históricos e contemporâneos, incluindo comparações internacionais, com ênfase nas políticas dos Estados-nações e na produção de identidades na intersecção da cultura e do poder.

Desse ângulo, a linha Nação e Diáspora se propôs a examinar comparativamente as populações em diáspora (incluindo a afro-brasileira), focalizando os paradoxos, as contradições e os limites da política de identidade, enquanto cenários de luta para impor, manter, resistir ou contestar a perpetuação ou reconfiguração de múltiplas estruturas de dominação em diferentes conjunturas da história do capitalismo. Sua produção, entre o final da década de 1990 e meados de 2000, incluiu estudos históricos sobre o Império, processos de independência do Brasil e os contingentes migratórios portugueses, com atenção à formação de identidades nacionais e raciais na cidade do Rio de Janeiro, conflitos antilusitanos e uso de estereótipos

em relação a essa população migrante (Ribeiro, 2000a; 2000b; 2001a; 2001b; 2002; 2003), assim como etno-histórias sobre as mobilizações sociais de exilados portugueses de São Paulo em oposição ao salazarismo (Mansur da Silva, 2002; 2003; 2004; 2005). Etnografias também abordaram as dinâmicas identitárias e os dilemas políticos entre portugueses e descendentes na contemporaneidade (Caetano da Silva, 2002; 2003a; 2003b), bem como as relações interétnicas em Lisboa, com foco em migrantes brasileiros e africanos no contexto da lusofonia (Santos, 2006; 2010), as mobilizações iniciadas por brasileiros de Lisboa por seus direitos de cidadania em Portugal e no Brasil (Feldman-Bianco, 2011a) e os processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto (Machado, 2003). Investigações ainda focalizaram lusofonia, nacionalidade e as “comemorações” dos 500 anos no Brasil e em Portugal (Cunha, 2001; 2002; 2004; Oliveira Filho, 2002). Resultados de pesquisa e de seminários foram publicados em forma de coletâneas e dossiês, englobando comparações entre Brasil e Portugal sobre trânsitos coloniais, ou seja, continuidades coloniais no pós-colonial (Bastos; Almeida; Feldman-Bianco, 2002; 2007; Feldman-Bianco, 2001), discursos nacionalistas e suas consequências (Machado, 2003), nação e identidade (Cunha, 2000; 2003) e nação e diáspora (Feldman-Bianco, 2010, 2011c). Englobaram também comparações entre migrantes em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos (Feldman-Bianco, 1997b; Feldman-Bianco; Capinha, 1997), como também sobre latinidades (Castro, 2000) e contribui-

14 Desenvolvido entre 1997 e 2004, esse projeto resultou na publicação de 45 livros, mais de cem capítulos de livros e mais de 200 artigos em revistas nacionais e internacionais. Propiciou especialmente a formação de pesquisadores, sendo 21 teses de doutorado, 24 dissertações de mestrado e 26 monografias de graduação defendidas no período. Vários desses estudantes se tornaram referência no campo das migrações internacionais.

ções para políticas públicas (Castro; Berquó, 2001)¹⁵.

Nesse âmbito, deve-se destacar os diálogos dessa linha com antropólogos e historiadores do Brasil e de Portugal sobre as reconfigurações e continuidades coloniais no pós-colonial (Bastos; Almeida; Feldman-Bianco, 2002; 2007), incluindo as pesquisas de Thomaz (2001; 2002) sobre os processos de reconstrução de imaginários da nação portuguesa e seus espaços coloniais, focalizando as relações entre a circulação de pessoas, ideias e narrativas luso-tropicalistas e a construção de representações do “Terceiro Império Português” durante a ditadura salazarista. Posteriormente, Thomaz se voltou ao estudo da experiência colonial e pós-colonial moçambicana, empreendendo reflexões sobre o processo de formação nacional (Thomaz, 2004a), relações raciais, desigualdades, guerras e conflitos entre populações nativas e estrangeiras (Thomaz, 2004b; 2006).

Comparativamente, a linha Espaço e Poder propôs-se a analisar as transformações do espaço público como espaço de memória, especialmente em cidades e lugares designados como parte do patrimônio cultural nacional e mundial, com ênfase nas ações e nas produções simbólicas desenvolvidas por políticas governamentais, práticas profissionais e sociabilidades cotidianas da mídia e do mercado. Além de publicações sobre a construção da lusofonia no contexto das comemorações dos 500 anos e a relação entre patrimônio, nação e nacionalismos (Leite,

1998; Arantes, 2000), que dialogam com os estudos da linha Nação e Diáspora, as pesquisas realizadas incluíram questões associadas ao patrimônio imaterial (Arantes, 2002) e a relação entre patrimônio cultural e consumo (Arantes, 1999; Leite, 2004). Deve-se, entretanto, destacar que, enquanto estudiosos da questão migratória se preocupavam à época primordialmente com questões ao nível da nação e do nacionalismo em detrimento do fato de migrantes viverem em localidades (Feldman-Bianco, 2011b), pesquisadores dessa linha já se interessavam pelas interconexões entre cidade, espaço e desigualdades, ou seja, pelo direito à cidade. Dessa perspectiva, realizaram investigações em São Paulo (Arantes, 1997), em Campinas — enfatizando questões de gênero e geração (Frangella, 2000; 2004) — e em Salvador, com foco nas relações raciais (Pinho, 1999a; 1999b; 2001) e em corporalidade, raça e nação (Pinho, 2002).

Já a linha Grandes Movimentos Migratórios para o Brasil dedicou atenção especial às pesquisas históricas sobre a participação de imigrantes na construção da sociedade civil, da cultura, da política e da economia. Dado seu foco na história do trabalho, publicações incluíram análises sobre corporativismo e fascismo nas origens das leis trabalhistas no Brasil (Hall, 2002), a história do trabalho urbano no século XX no Brasil (Ferrerias; French, 1998) e a história e a historiografia comparativa das condições de vida dos trabalhadores na Argentina e no

15 Após o encerramento desse projeto, as temáticas dessa linha se diversificaram, incluindo, além de pesquisas sobre exílio no âmbito das ditaduras argentina e brasileira (Sanjurjo, 2007; Azevedo, 2013), estudos sobre trabalho temporário nos Estados Unidos (Dias, 2007), movimentos sociais, seja no que se refere à política e a *performances* da diversidade (Müller, 2009), à construção da periferia no *rap* (Gimeno, 2009) e ainda à política, à cultura, à ideologia e ao trabalho no Software livre (Evangelista, 2010). A mudança de nome dessa linha para desloca(migra)mentos sinaliza também novas pesquisas que abordaram, nessa última década, migração como crime (Dias, 2014a), movimentos sociais de familiares de mortos e desaparecidos das ditaduras argentina (Sanjurjo, 2018) e brasileira (Azevedo, 2018), além de etnografia sobre o cotidiano na diáspora haitiana em uma cidade brasileira (Etcheberre, 2018), entre outros.

Brasil (Ferrerias, 1997) e, ainda, a história do movimento operário na cidade de São Paulo (Hall, 2004). Estudos sobre a militância política e sindical de imigrantes abordaram, entre outros temas, o fascismo e a imigração italiana no Brasil (Bertonha, 1999; 2004a) e na América Latina em perspectiva comparativa (Bertonha, 2000; 2004b), a propaganda anarquista no começo do século XX (Toledo, 1998; 2002), assim como análises sobre migrantes na cidade de São Paulo (Hall, 2004), com ênfase no antifascismo e na militância sindical de italianos (Biondi, 1999; 2002), nas divisões entre republicanos e socialistas italianos (Biondi, 2000), entre fascistas e antifascistas nessa cidade (Bertonha, 1999), além de análises sobre fazendeiros paulistas e a imigração (Hall, 2003). Pesquisas também focalizaram os militantes judeus de esquerda mortos sob tortura no Brasil durante a ditadura militar (Kushnir, 2002), as estratégias organizativas e a mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX (Fortes, 1999) e a alimentação operária em Buenos Aires e no Rio de Janeiro entre 1930 e 1945 (Ferrerias, 1997).

Esses estudos dialogam com pesquisas etno-históricas realizadas por discípulos de Seyferth, seja sobre grupos locais nazistas entre alemães no Rio de Janeiro e em Blumenau (Moraes, 2005), seja sobre o ativismo político de judeus de esquerda em São Paulo e no Rio de Janeiro (Bahia, 2010). Dialogam também com as etno-histórias sobre exilados realizadas no âmbito da linha Nação e Diáspora (Mansur da Silva, 2006; Sanjurjo, 2007; Azevedo, 2012; 2013), que evidenciam o importante papel de campos e redes sociais transnacionais na organização de atividades políticas, a exemplo do estudo de Mansur da Silva (2006; 2009; 2013), em que a articulação de uma oposição ao Estado Novo português e a inserção de cientistas e

escritores no Brasil se valeram dessas redes, e de Azevedo (2012; 2013), no qual a ideia da formação de um “campo da esquerda transnacional” aparece nos trânsitos de exilados brasileiros entre diferentes localidades e países. Em diálogo comparativo, Azevedo e Sanjurjo (2013) examinaram ainda como, no contexto ditatorial do Cone Sul, as relações entre imaginários de nação e reconstrução de identidades de exilados argentinos e brasileiros se deram não só com base em redes de solidariedade construídas transnacionalmente, mas em uma conjuntura marcada por políticas repressivas transnacionais, como a Operação Condor.

Por sua vez, a linha Migração e Cidadania, à época também vinculada ao Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (NEPO), focalizou predominantemente a migração internacional de brasileiros para os Estados Unidos e o Japão e suas questões de identidade e cidadania, as relações entre migração, mercado de trabalho e clandestinidade, as migrações de retorno dos japoneses do Brasil para o Japão e, ainda, a reconstrução de identidades étnicas de japoneses, africanos e italianos no Brasil. Deve-se atentar que as pesquisas dessa linha realizadas nos Estados Unidos ainda na década de 1990 examinaram a inserção de emigrantes brasileiros no contexto das novas migrações internacionais (Sales, 1995), especialmente no mercado de trabalho norte-americano (Scudeler, 1999), já indicando as crescentes restrições à entrada de migrantes estrangeiros nesse país (Sales; Goulart, 1996). Análises salientaram o cerco aos migrantes “clandestinos” (Monteiro, 1998), a criminalização e as percepções aparentemente paradoxais de migrantes sobre a legitimidade de sua condição clandestina (Sales, 1998), em uma conjuntura em que novas políticas migratórias no cenário norte-americano, assim como na

União Europeia pós-Schengen, começavam a equiparar migrantes indocumentados — categorizados como “ilegais” e “irregulares” — com o terrorismo, o tráfico de pessoas e o contrabando internacional. Vários desses estudos centralizaram sua atenção nos migrantes oriundos de Governador Valadares, com base em investigações realizadas nessa cidade mineira (Fusco, 2002) ou entre essa cidade e a região de Massachusetts, Estados Unidos, especialmente em localidades situadas na área de Boston (Assis, 2002; Martes, 1999; 2000; Monteiro, 1998; Sales, 1999a; 1999b). Outros priorizaram, na década de 2000, a migração feminina de Criciúma (Santa Catarina) para a região de Boston e seus rearranjos familiares (Assis, 2004) e a de brasileiros e brasileiras para Miami e Framingham (Boston), com ênfase na transformação desses cidadãos e cidadãs em grupo étnico nos Estados Unidos (Assis, 2004; Sales, 1999b). Outras problemáticas incluíram a relação entre migração e religião (Martes, 1999) e a questão geracional nas migrações (Sales, 1999c; 2001).

Já os estudos no âmbito dessa linha sobre os assim chamados *dekasseguis* começaram a ser realizados após a promulgação da Reforma Legislativa em 1990, por meio da qual o governo japonês, na tentativa de restringir a migração indocumentada, principalmente de asiáticos, passou a favorecer e a regularizar a entrada de descendentes de japoneses nascidos no exterior como mão de obra barata para um mercado formado, em sua maioria, por pequenas e médias empresas japonesas que dão sustentação às grandes empresas de capital do Japão (Ferreira; Garcia, 2001; Assis; Sasaki, 2001). Dessa forma, como lembram Ferreira e Garcia (2001), o Estado japonês, que havia financiado no passado a migração de japoneses para o Brasil, passou a controlar a migração de brasileiros para o

Japão e, ao mesmo tempo, a evitar a entrada de outros migrantes. Dada essa política migratória associada à ida de trabalhadores de descendência japonesa ao Japão, não por acaso pesquisas focalizaram os trabalhadores nipo-brasileiros (Sasaki, 1995), inclusive a questão do retorno (Sasaki, 1996) e suas ambiguidades e reconfigurações identitárias, categorizados como japoneses no Brasil e brasileiros no Japão (Oliveira, 1997; Sasaki, 1999; 2002), assim como suas redes sociais (Sasaki, 2003).

Cenas do Brasil Migrante (1999), coletânea organizada por Teresa Sales e Rossana Rocha Reis, reúne uma coleção de textos de pesquisadores dessa linha e de interlocutores que realizaram, na década de 1990, estudos de caso sobre a migração de brasileiros para os Estados Unidos e o Japão. Entre eles, está o estudo de Ribeiro (1999) com brasileiros na cidade de São Francisco, Califórnia, cujo enfoque recaí nos processos de reconfiguração identitária de migrantes no contexto do multiculturalismo norte-americano, e o de Soares (1999) com migrantes valadarenses em Boston, Massachusetts, que se debruça sobre as relações entre migração e mobilidade social nas localidades de origem e destino.

Em sua resenha, intitulada “Brasileiros no Exterior e Cidadania (1980-2005)”, Machado (2015a), com base na produção bibliográfica sobre migração brasileira no período em pauta, realiza uma reflexão sobre questões relacionadas ao acesso à cidadania desses migrantes em diversos contextos nacionais nos quais se inserem. Para tanto, leva em consideração que, com exceção do Japão, o alto número de brasileiros em situação indocumentada e, portanto, de “ilegalidade”, torna-se relevante para a análise, dada a crescente securitização das políticas migratórias nacionais para onde os brasileiros migram e, por conseguinte, maior fiscalização e vigilân-

cia nas fronteiras, especialmente nos casos da Europa pós-Schengen e dos Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001. Dessa perspectiva, argumenta que os principais impasses ao acesso da cidadania devem-se à relação entre trabalho e (i)legalidade, discriminação social e reconfiguração nas relações de gênero. Entretanto, acima de tudo, nesse seu balanço, aponta para a centralidade do trabalho no processo migratório, que parece englobar os demais temas (Machado, 2015a)¹⁶.

Nesse sentido, se as pesquisas sobre brasileiros no exterior expõem as dificuldades no acesso a direitos de cidadania e a situação de vulnerabilidade e exploração às quais os trabalhadores estão sujeitos, demonstram também como, do ponto de vista dos migrantes, não raras vezes, há uma percepção de aumento da cidadania no contexto migratório, mesmo em situação de indocumentação (Sales, 1999a). Como aponta Machado (2015a), essa percepção associa-se a um diferencial entre certo quantum de cidadania que cada país oferece a seus cidadãos. Além do mais, colocando em relevo a dimensão da agência, esses estudos destacam as estratégias adotadas por migrantes para enfrentar as adversidades, tais como a constituição de densas redes de solidariedade.

Um conjunto de etnografias realizadas junto a brasileiras e brasileiros em diferentes localidades dos Estados Unidos (Assis, 2002; 2004; 2011; Fleischer, 2002; Sales, 1999a), de Portugal (Machado, 2009; Santos, 2002), mas também com migrantes no Brasil (Jardim, 2000; 2007; 2009) e em Cabo Verde (Dias, 2006; Lobo, 2014b), voltou-se à análise da intersecção entre projetos migratórios,

gênero, família e redes sociais, examinando as estratégias de inserção laboral e mobilidade social e geracional de migrantes. Se o enfoque na *imigração* como categoria resultou, historicamente, em análises e monografias direcionadas para a sociedade receptora, essas novas pesquisas, inspiradas na perspectiva transnacional, passaram a examinar não só as experiências de migrantes nas localidades de destinos, mas também as suas relações dinâmicas com as localidades de origem (Assis, 2002, 2007, 2011; Assis; Siqueira, 2009; Feldman-Bianco, 2001; 2011b; 2016; Dias, 2006; Lobo, 2014b; Jardim, 2000; 2007).

Tomando as problemáticas da ilegalidade, da cidadania, do trabalho e da identidade como eixos da análise e atentando para as dinâmicas contextuais de interação social, parte das etnografias realizadas junto às brasileiras e aos brasileiros no exterior, especialmente nos Estados Unidos e em Portugal, começou a revelar as estratégias laborais e os conflitos experimentados por migrantes, cujas vidas eram atravessadas por desigualdades estruturais e imaginários hegemônicos nacionais. Descreveram, assim, processos de racialização, exotização ou de “subordinação ativa” (Machado, 2005), nos quais migrantes mobilizavam situacionalmente identidades e estereótipos de brasilidade (Beserra, 2005; 2007; 2011; Frigério, 2002), conformando circuitos e redes de parentesco, amizades, ajuda e trabalho a fim de contornar a situação de indocumentação e as políticas migratórias cada vez mais restritivas nos contextos norte-americano e europeu. Desse modo, examinaram também a constituição de mercados e nichos laborais segmentados

16 Dado o alto número de migrantes em situação indocumentada, houve um interesse recorrente por parte do Estado brasileiro de quantificar (e, assim controlar) essa migração. Também, como Feldman-Bianco (2011a) mostra, o aumento de securitização e vigilância nas fronteiras, junto à prisão de brasileiros e à mobilização de lideranças migrantes, levou à implementação de políticas públicas, especialmente na era Lula.

e marcados diferencialmente por raça, gênero, classe, idade, etnicidade e nacionalidade (Beserra, 2003; 2005; 2011; Ribeiro, 1998b; 1999).

Ribeiro (1999) analisou os cenários e rituais de afirmação da identidade brasileira entre migrantes brasileiros em São Francisco, Califórnia, focalizando a mobilização de estereótipos de brasilidade e processos de segmentação étnica, hibridização e etnicização (Ribeiro, 1998b). Desse prisma, demonstrou como estereótipos nacionais ou étnicos podiam servir tanto como fonte de cooperação quanto de exploração e subordinação (Ribeiro, 1998a). O recurso aos estereótipos como forma de afirmação identitária também foi explorado na etnografia de Torresan (1994) realizada entre brasileiros em Londres, que se desdobrou em uma pesquisa levada a cabo em Lisboa, na qual analisou como jovens brasileiros de camadas médias negociavam identidades e posições de classe no contexto migratório (Torresan, 2004; 2006; 2007).

Já Machado (2004; 2008; 2009) acompanhou as trajetórias de brasileiros no Porto, Portugal, que incorporavam estereótipos de brasilidade para garantir um lugar no “mercado da alegria”, trabalhando preferencialmente como atendentes em restaurantes, bares, hotéis e comércio. Processos de racialização, exotização e de formação de “mercados étnicos” também foram foco dos estudos de Guizardi (2013) com brasileiros que transitam por meio das “redes da capoeira” na Espanha, e de Beserra (2011), em pesquisa sobre brasileiras e brasileiros que se movem por meio do mercado do samba, da capoeira e da Bossa Nova em Los Angeles (Beserra, 2003; 2005; 2007) e em Chicago (Beserra, 2011), nos Estados Unidos. Dias (2007; 2013), por sua vez, investigou as experiências de latino-americanos (entre os quais os brasileiros), neozelandeses,

australianos e jamaicanos que — contando com vistos temporários, contratos de trabalho precarizados e trajetórias e condições de vida bastante diversas — ocupavam posições hierarquicamente diferenciadas em um *resort* turístico de Vermont, nos Estados Unidos. Vale mencionar ainda as pesquisas de Rial (2008; 2014) sobre jovens jogadores brasileiros circulando e “rodando” entre clubes de futebol no exterior.

Focalizando as relações entre migração, gênero e trabalho, Assis (2002; 2003; 2007; 2011), Martes (1999; 2000; 2001), Fleischer (2002; 2003) e Jesus (2003) trouxeram as experiências de brasileiras, majoritariamente valadarenses e criciumenses, trabalhando como “faxineiras” e em serviços domésticos em Boston, Estados Unidos, que buscavam se diferenciar por meio de sua identidade nacional nesse nicho laboral, destacando suas qualidades como “boas trabalhadoras”. A relevância desses estudos foi demonstrar não apenas a construção de densas redes de solidariedade entre as trabalhadoras migrantes, mas também as ambiguidades, os conflitos, as clivagens e as competições travadas nesse mercado de trabalho, seja entre brasileiras, seja entre migrantes de outras nacionalidades. Nesse ponto, vale notar que, dado o aumento da migração feminina para o exterior, o gênero tornou-se uma categoria de análise nessas etnografias realizadas por antropólogas e sociólogas.

Ainda no que tange à intersecção entre estudos migratórios e de gênero, cabe destacar as contribuições de pesquisas realizadas a partir do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da Unicamp que, em diálogo com os debates sobre nação, colonialismo e transnacionalismo desenvolvidos no âmbito do CEMI/Unicamp, trouxeram análises relevantes acerca de como gênero, raça, classe, geração e nacionalidade operam na migração

e na produção de ilegalidades, desigualdades e violências. A esse respeito, vale destacar os estudos de Piscitelli (2001; 2004; 2007; 2008), Silva e Blanchette (2005) e Silva *et al.* (2005) que, com base em perspectivas feministas interseccionais e pós-coloniais, passaram a problematizar as relações entre migração, gênero e sexualidade no contexto do turismo sexual internacional no Brasil. Sob esse mesmo prisma, Suzana Maia (2001; 2007; 2009a; 2009b; 2010; 2011; 2012) se voltou às trajetórias de mulheres brasileiras de camadas médias que trabalham como dançarinas eróticas em bares noturnos da cidade de Nova York, examinando as relações entre migração, transnacionalismo, gênero, trabalho e representações da nação, com foco nas relações e interações cotidianas entre dançarinas e clientes e nas formas como identidades, posições sociais, corporalidades, hierarquias e desejos são construídas no contexto transnacional.

Especialmente as pesquisas de Piscitelli (2001; 2004) realizadas em Fortaleza, Brasil, junto a trabalhadoras(es) do sexo, para além da análise em processos de exotização, foram pioneiras na apreensão das dinâmicas e das categorias de diferenciação presentes nesse contexto, com ênfase nas conceitualizações (sobre gênero, raça, sexualidade e nacionalidade) de estrangeiros(as) à procura de sexo e de mulheres e homens nativos que travavam relacionamentos com visitantes internacionais. Como veremos mais adiante, acompanhando as trajetórias de suas interlocutoras, posteriormente os estudos de Piscitelli (2007; 2008) se desdobraram em pesquisas sobre as experiências de brasileiras na Europa (especialmente na Itália e na Espanha) que migram acompanhando ou convidadas por turistas sexuais, e/ou de mulheres e travestis que circulam e se inserem nos mercados transnacionais do sexo.

Em um contexto de fusão dos campos migratório, de gênero e justiça criminal no âmbito das políticas migratórias globais — particularmente a partir da aprovação da Convenção de Palermo das Nações Unidas em 2000, que inseriu a questão do “contrabando de migrantes” e do “tráfico de pessoas” na agenda política internacional —, tanto as pesquisas de Sprandel (2005) quanto as de Piscitelli contribuíram com o desenvolvimento de análises críticas sobre a vinculação entre *turismo sexual*, *tráfico de pessoas* e o deslocamento de mulheres e travestis brasileiras (e de outros países do Sul global) para a Europa. Além de questionar os pânicos morais presentes nos debates sobre *turismo sexual* e *tráfico de mulheres para fins de exploração sexual* (Piscitelli, 2004; Silva *et al.*, 2005), os estudos realizados junto a mulheres e transgêneros deportadas da Europa revelaram como gênero, raça, classe, nacionalidade e sexualidade incidem na produção da ilegalidade e nos processos de criminalização das migrações.

Observa-se assim como, ao longo da década de 1990 e da primeira metade dos anos 2000, diferentes perspectivas transnacionais foram adotadas em diversos estudos, com distintas temáticas, focalizando sobretudo as relações entre migração, nação, trabalho, identidade, cidadania e indocumentação. Na próxima década, como veremos, paradigmas transnacionais e a abordagem de campos e redes sociais de migrantes entre países de origem e recepção, além do foco nos trânsitos, nas circulações e nas relações entre movimentos de pessoas, signos e capitais, continuarão pautando, em grande medida, os estudos nessa área temática.

Importa notar que as análises sobre a produção da ilegalidade, propiciadas principalmente por pesquisas realizadas entre brasileiras e brasileiros no exterior, darão

vazão, na década seguinte, a maior interesse na investigação de políticas migratórias e de novas formas securitárias de governar os fluxos migratórios e classificar os indesejáveis. Além disso, se as etnografias realizadas entre a década de 1990 e meados dos anos 2000 ampliaram o diálogo entre diferentes campos de estudo — especialmente os campos de estudos migratórios, de gênero e de justiça criminal —, na próxima década, a análise de padrões recorrentes nas formas de controle das fronteiras e dos fluxos (que abrangem diferentes cenários e incidem sobre populações diversas) exigirão não só a combinação de diversas áreas temáticas (tais como estudos migratórios e urbanos), mas também o desenvolvimento de novos paradigmas teórico-metodológicos que permitam uma abordagem mais ampla e comparativa dos deslocamentos (Feldman-Bianco, 2015; 2017; 2018a).

Anos 2008–2018. Da perspectiva transnacional aos estudos sobre (i)mobilidades, deslocamentos, desposseção e violência

Ao longo da última década, os estudos e as preocupações relativas à ampliação de direitos de cidadania, vinculadas à questão da pobreza, do trabalho, da informalidade e da ilegalidade — predominantes, até a primeira metade da década de 2000, não só no campo de estudos migratórios, mas também nos estudos urbanos —, desdobraram-se em análises sobre precarização, criminalização e violência, com foco nas práticas sociais que definem as fronteiras entre pessoas, corpos, fluxos, mercados e territórios regulares/irregulares, legais/ilegais ou lícitos/ilícitos. Seja focalizando migrantes, seja focalizando outras populações consideradas *perigosas* e *indesejadas*, novas pesquisas nos falam de

pessoas que são percebidas como ameaças à ordem pública (ou à nação) — e que no registro da “guerra à subversão” (no passado ditatorial) ou da “guerra ao crime” (na presente forma democrática), tornam-se vidas potencialmente matáveis (Sanjurjo; Feltran, 2015). É sobre elas que incide risco maior à deportação, ao deslocamento forçado, ao aprisionamento e, no limite, à morte violenta, segundo clivagens de classe, raça, gênero, lugar de moradia e proximidade com mercados informais/ilegais/ilícitos.

Por um lado, essa tendência segue mudanças conjunturais, quando pesquisas de campo etnográficas são realizadas em meio a um crescente processo de precarização, securitização e militarização da vida social, atrelado à implementação de políticas de corte neoliberal. Por outro lado, associa-se à incorporação de abordagens teóricas, que vão desde a perspectiva foucaultiana — que informa trabalhos sobre tecnologias e formas de governo que produzem mobilidade/imobilidade, circulação/contenção, vida/morte — até abordagens interseccionais e pós-coloniais — que inspiram reflexões sobre processos de subjetivação e a incidência de marcadores sociais diversos na delimitação de fronteiras sociais. Cruzados à perspectiva transnacional, esses diálogos permitem perceber processos similares que produzem, em escala global, deslocamentos, desigualdades e acessos diferenciais a direitos de cidadania, exigindo, por sua vez, o desenvolvimento de novos olhares e paradigmas teórico-metodológicos.

Assumindo esse desafio, Feldman-Bianco sugere a adoção de uma perspectiva global das migrações e dos deslocamentos para analisar e teorizar a respeito de vários tipos, escalas e espaços das mobilidades e das imobilidades à luz dos interstícios da dominação e do poder como parte inerente à reestrutu-

ração do capitalismo global (Feldman-Bianco, 2015; 2017; 2018a). Ademais, como uma autocrítica da abordagem transnacional elaborada nas últimas décadas, a autora chama a atenção para a importância de considerar, nas pesquisas etnográficas, a perspectiva escalar, trazendo à tona não só a escala da cidade, mas também a crítica ao nacionalismo metodológico (Glick-Schiller; Çaglar, 2011; Feldman-Bianco, 2009; 2011b; 2012), assim como a necessidade de problematizar a produção de categorias como “migrante” e “refugiado”, evitando tomá-las como dado *a priori* (Feldman-Bianco *et al.*, 2011c).

Não obstante essas críticas, parte das pesquisas sobre migrações realizadas na última década continuou se beneficiando tanto da perspectiva transnacional quanto dos estudos de gênero, família e parentesco¹⁷, bem como dos debates sobre trocas econômicas, afetivas e materiais na antropologia¹⁸. Olhando para os idiomas nativos de conexão e “desnaturalizando” concepções de família e parentesco, diversos estudos associam movimentos migratórios à circulação de pessoas, objetos e afetos, colocando em relevo a mútua constituição entre projetos migratórios e familiares e a emergência de novas dinâmicas sociais, em que ganha centralidade uma ampla rede de parentes e uma pluralidade de práticas de cuidado e co-habitação (Bongianino, 2015; Jardim, 2007; 2009; Lobo, 2011; 2013; 2014b; Machado, 2017; Machado; Kebbe; Silva, 2008).

Alguns trabalhos descrevem redes familiares imbricadas em fluxos transnacionais que, apesar da ausência contínua dos parentes e da distância física prolongada, constroem relações por meio de formas va-

riadas de cosubstancialidade (Machado, 2010; 2014; 2015b). A constante circulação de pessoas, dinheiro, objetos e encomendas (Lobo, 2008; 2010; 2011; 2013; 2014a; Vasconcelos, 2018) e o investimento em projetos familiares — como a construção da “casa” familiar que impulsiona, muitas vezes, o próprio projeto migratório (Handerson, 2010, 2015; Machado, 2010; 2014; 2015b) — mobilizam e movimentam tanto os que partem quanto os que ficam, produzindo parentesco e novas práticas de maternidade (Capernedo; Nardi, 2017) e de organização familiar (Jardim, 2007; 2009; Scott, 2011; Scott *et al.*, 2015).

Por outra parte, Fonseca (2006; 2009; 2011), ao mesmo tempo que se referencia nos estudos de família e parentesco, encontra também na perspectiva foucaultina de biopolítica e nos estudos sobre ciência (Latour, 2005) caminhos sugestivos para a análise das “tecnologias de governo” que informam o tema da circulação e adoção transnacional de crianças. Ao questionar a ideia de “global *versus* local” e de fluxos unidirecionais, a autora examina as dinâmicas relacionais entre fatores “externos”, especialistas “locais” e mídia, investigando como formas globais operam por meio de circuitos transnacionais, em que bens, pessoas e ideias transitam por meio de situações mediadas e permeadas por relações desiguais de poder, tendo os sentidos de seus elementos modificados (Fonseca, 2009).

Especialmente na última década, o enfoque em “tecnologias de governo”, junto aos debates sobre transnacionalismo e globalização, influenciaram significativamente os estudos antropológicos nessa área temática.

17 Strathern (1992) e Carsten (2004), entre outras.

18 Appadurai (2008), Miller (2010), Zelizer (2009), entre outros.

Se as “tecnologias de governo” encontram-se imbricadas em políticas de governança, passou-se a examiná-las, como lembra Fonseca (2011), como parte das estratégias dos Estados para ditar comportamentos, moralidades e estilos nacionais de cidadania, revelando novas formas de controle e de gestão de populações, territórios, migrações e fronteiras. Inspiradas nessa perspectiva, e focalizando os dispositivos e as formas de governo das migrações e do refúgio no Brasil, Jardim (2012; 2015; 2016; 2017), Facundo Navia (2016; 2017), Perin (2013) e Vieira (2017) analisam as rotinas burocráticas de instituições e agentes dedicados à questão migratória, as práticas de categorização e definição do estatuto jurídico de pessoas em deslocamento e os efeitos da multiplicidade de temporalidades, saberes e lógicas administrativas nas vidas migrantes (Vianna; Facundo, 2015). Desse modo, as autoras demonstram não só como o Estado se faz no cotidiano (Das e Poole, 2004; Souza Lima, 1995), mas também como a “razão humanitária” (Fassin, 2003; 2012) vem permeando as políticas migratórias no país.

Em um contexto global marcado pelo predomínio de retóricas humanitárias e pelo crescente processo de securitização e criminalização das migrações, categorias como *contrabando de migrantes* e *tráfico de pessoas* ganham proeminência, informando os debates públicos concernentes às migrações no Brasil. Nesse panorama, uma série de trabalhos examina, desde a década de 2000, as políticas migratórias no que se refere a dinâmicas e escalas inter-relacionadas nos planos locais, nacionais e globais (Feldman-Bianco, 2018b), problematizando a difusão

e a ressignificação da noção de *tráfico de pessoas* e *contrabando de migrantes* no contexto brasileiro (Dias, 2014a; 2014b; 2015; 2017; Dias; Sprandel, 2011; Sprandel; Dias, 2010; Sprandel, 2005; 2016). Como desdobramento de análises iniciadas na década anterior (Feldman-Bianco, 2000b; 2001; 2002), esses estudos analisam a fusão dos campos migratório e de justiça criminal no âmbito das políticas migratórias nacionais e globais, questionando a consequente articulação entre migração e segurança e entre migração *irregular* e circulação de bens ilegais e ilícitos.

Outro conjunto de trabalhos (Blanchette; Silva, 2011, 2018; Pelúcio, 2009; Piscitelli, 2013; Silva; Blanchette, 2005; Silva; Blanchette; Bento, 2018; Teixeira, 2008), que dialoga especialmente com perspectivas feministas reconhecidas como transnacionais, pós-coloniais e interseccionais¹⁹, analisa criticamente a vinculação entre *turismo sexual*, *tráfico de pessoas* e o deslocamento de mulheres e travestis brasileiras para países da Europa, tornadas alvos preferenciais dessas políticas — que supostamente visam combater tais *crimes* e proteger suas *vítimas* potenciais. Conforme já mencionado, tendo como pioneiros os estudos de Piscitelli (2001; 2004) e Silva e Blanchette (2005) sobre “turismo sexual” no Brasil, essas etnografias trazem as experiências de mulheres e travestis que circulam e se inserem nos mercados transnacionais do sexo, demonstrando as linhas tênues entre “tráfico” e “resgate”, desestabilizando os discursos que as situam no lugar de *vítimas* e questionando as políticas que limitam seus trânsitos e criminalizam suas práticas e seus estilos de vida. Em vez de *máfias* que *aliciam* e *lucram* com

19 Anthias e Yuval-Davis (1992), Brah (2006), Cabezas (2009), Constable (2009), Kempadoo (2004), McClintock (1995), entre outras.

o *tráfico de pessoas*, esses estudos trazem as percepções de pessoas que falam de redes de ajuda que viabilizam seus projetos migratórios e buscas variadas por realização pessoal; tampouco é de *máfias* que essas migrantes relatam temer, mas de *blitz* das polícias que encarceram prostitutas e deportam migrantes indocumentadas (Piscitelli, 2008; 2011; Lowenkron; Piscitelli, 2015; Piscitelli; Lowenkron, 2015).

Importa notar que se em um primeiro momento esses estudos questionavam os pânticos morais presentes nos debates sobre *turismo sexual* e *tráfico de mulheres para fins de exploração sexual* (Piscitelli, 2004; Silva et al., 2005), como já salientado, posteriormente, busca-se situar os trânsitos dessas mulheres no âmbito das discussões sobre migração internacional e tráfico de pessoas a fim de compreender as dimensões de agência presentes nessas articulações, as implicações culturais, políticas e econômicas dessas mobilidades e as distinções corporificadas por essas mulheres em suas interações com parceiros sexuais (Piscitelli, 2007; 2010; 2013). Em seus estudos de longa duração, Piscitelli sobretudo vem perscrutando como gênero, imbricado com outros marcadores sociais (classe, cor, idade, nacionalidade, sexualidade), permeia a inserção de brasileiras no exterior e como essas marcas de diferenciação mantêm relações não apenas com a circulação entre países e setores do mercado do sexo, mas também com o deslocamento entre mercados do sexo e do casamento (Piscitelli, 2012; 2018), em um contexto de políticas restritivas relativas ao combate à prostituição e à migração *irregular* (Piscitelli, 2013).

Essas análises pautaram outras pesquisas que examinam como o gênero, imbricado com outras categorias de diferenciação, opera na migração, a exemplo do estudo de França (2017) sobre a produção de uma nova categoria de refugiados com base na orientação sexual e na identidade de gênero (“refugiados LGBTI”), parcialmente reconhecida por agências migratórias internacionais. Há também pesquisas como a de Togni (2014), com jovens brasileiros em Portugal, que trata das relações entre mobilidade, gênero e sexualidade; de Rangel (2018), com dançarinos(as) brasileiros(as) nos Estados Unidos, que analisa processos de materialização e comercialização de corpos nacionalizados, e de Debert (2016), com mulheres da América Latina, da África e da Ásia na Itália, que examina as relações entre gênero, trabalho e cuidado. Já Padovani (2016; 2017; 2018a; 2018b), cuja etnografia foi realizada com brasileiras presas em Barcelona e estrangeiras presas em São Paulo, incorpora aos debates sobre interseccionalidades e migrações as discussões sobre margens urbanas, crime, prisão e ilegalismos²⁰, analisando a produção de redes de afetos e “amores” vividos por meio de penitenciárias femininas. Tomando a prisão como instituição produtora de relações, Padovani examina como os trânsitos dessas mulheres são atravessados por mercados sexuais e matrimoniais e pelas tramas (i)legais dos mercados de drogas local e transnacional.

Nota-se, assim, desde a década de 2000, uma convergência — no que se refere a perspectivas teórico-metodológicas e questões de pesquisa — entre áreas temáticas diversas, como estudos migratórios, estudos urba-

20 Biondi (2014), Das e Poole (2004), Feltran (2011), Godoi (2015a), Godoi, Araújo e Mallart (2019), Hirata (2018), Mallart (2014; 2019), Marques (2009), Telles (2010), Telles e Hirata (2007; 2010), entre outros.

nos e de gênero. Cresce daí o interesse em ampliar o enfoque comparativo sobre tipos variados de deslocamentos para analisar processos sociais que transpassam fronteiras e as experiências não só de refugiados e migrantes, mas também de outras populações consideradas indesejadas, periféricas e marginalizadas (Feldman-Bianco, 2015; 2017; 2018a). Em uma conjuntura marcada pelo capitalismo neoliberal, pela precarização da vida, pela despossessão e pela criminalização da pobreza, tal convergência vem permitindo examinar as relações entre mobilidades e imobilidades e a produção de desigualdades e violências em perspectiva global (Feldman-Bianco, 2015).

No âmbito dos estudos urbanos, diferentes pesquisas também problematizam as ambiguidades constitutivas de formas de governo que combinam políticas humanitárias, de cuidado e proteção, com políticas securitárias, de controle e repressão (Fassin, 2005). Estudos realizados junto a pessoas em situação de rua (De Lucca, 2013; Carriconde, 2019) descrevem os trânsitos dessas populações itinerantes, que circulam entre ruas, abrigos, instituições assistenciais e prisionais; espaços destinados à gestão daqueles considerados *perigosos* e *indesejáveis*. Por sua vez, a etnografia de Rui (2012; 2014) sobre territorialidades de uso de *crack* — especialmente a *cracolândia* paulistana, uma modalidade de *territorialidade itinerante* (Frúgoli Jr.; Spaggiari, 2011) constituída de *fluxos* e movimentações em torno à região da Luz — expõe tentativas de controle estatal dessa população considerada abjeta, nas quais se mesclam gerenciamento do espaço com dispositivos de assistência e repressão, cuidado e vigilância, culminando, por vezes, em episódios de dispersão e remoção violentos (Mallart *et al.*, 2017). Processo semelhante foi observado pela autora em estudo de caso

no Rio de Janeiro, onde usuários de *crack* foram transformados em “refugiados da pacificação” no contexto de produção da “Cidade Olímpica” (Rui, 2018).

Pesquisas realizadas durante a preparação do Rio de Janeiro para os Mega Eventos Esportivos dão conta dos processos de remoção e militarização de favelas e periferias, com foco nas políticas de reurbanização, *reordenamento* e *revitalização* urbana (Leite *et al.*, 2018; Magalhães, 2013; 2019), que alteraram os fluxos e os usos do espaço da cidade, impactando também outras cidades-sede da Copa do Mundo, como Porto Alegre (Mesomo; Damo, 2016) e Recife (Scott; Moura, 2014). Outros trabalhos enfatizam a dimensão do cotidiano, a micropolítica e as estratégias de resistência de moradores de favelas e ocupações ameaçados de remoção, examinando os fluxos desses moradores, cujos movimentos encontram-se associados às dinâmicas de despejos e organização de novas ocupações (Guterres, 2014; 2016; Birman; Fernandes; Pierobon, 2014; Moura, 2016). Esses estudos revelam tanto a produção de densas redes de solidariedade como forma de contornar a precariedade (Pierobon, 2018) quanto os anseios de pessoas que recusam o padrão periférico de moradia e optam em permanecer em regiões centrais da cidade, visando ao maior acesso à mobilidade, serviços e equipamentos urbanos (Fernandes, 2013; 2015).

Acompanhando a expansão carcerária no país nas duas últimas décadas, e considerando que uma parcela significativa da população brasileira é afetada pela experiência prisional, cresce também o interesse na realização de etnografias sobre (e em) prisões. Focalizando a ampla circulação de repertórios, códigos e práticas que transitam por entre as “fronteiras porosas” das prisões, uma série de trabalhos aponta para a potencialidade

de abordar os bairros periféricos em continuidade analítica com as prisões, (Biondi, 2014; Feltran, 2010; Godoi, 2015a; 2015b; Hirata, 2018; Mallart; Rui, 2016; Marques, 2009; Padovani, 2018b). Essas pesquisas examinam os fluxos e as conexões entre espaços prisionais, territorialidades e populações — no que se refere a práticas, público-alvo, disciplinamento moral, dinâmicas comerciais e repertório coercitivo e assistencial do Estado (Mallart; Rui, 2016). Nesse contexto, surgem também análises sobre a incidência da experiência prisional entre povos indígenas, como o estudo de Baines (2015) em penitenciárias de Boa Vista (Roraima) e o de Nascimento (2014) sobre a situação de crianças caiová internadas em abrigos em cidades do Mato Grosso do Sul.

Outras pesquisas se voltam à produção das periferias como espaços de margem e como alvo de projetos discricionários de ordem pública (Leite, 2012), ou ainda às gramáticas morais, às lutas por “justiça” e às formas de resistência de familiares de vítimas da violência institucional (Araújo, 2014; Azevedo, 2018; Farias, 2014; Freire, 2010; Ota, 2019; Lacerda, 2015; Vianna, 2013; Vianna; Farias, 2011), incluindo análises sobre a articulação de ativismos globais (Sanjurjo, 2017). Colocando em diálogo suas pesquisas sobre a gestão estatal das mortes de moradores de favelas, Barros e Farias (2017), por exemplo, refletem sobre os deslocamentos políticos entre centro e periferia, as marcas da violência deixadas em corpos periféricos e as conexões políticas entre fronteiras territoriais e corporais.

Se entre as décadas de 1990 e meados de 2000 pesquisadores de diversas disciplinas se voltaram ao estudo da migração internacional de brasileiros, desde a chegada em 2010 de migrantes do Haiti, vítimas do terremoto,

a atenção se voltou ao estudo das novas migrações para o Brasil, em um contexto marcado pelo progressivo afluxo de migrantes e solicitantes de refúgio de inúmeros países da África e do Oriente Médio, assim como pela contínua migração intracontinental. Diversas pesquisas realizadas junto a migrantes latino-americanos e do Caribe abordam os trânsitos e as redes sociais que possibilitam a chegada ao Brasil e a manutenção de vínculos com o país de origem. Sejam redes familiares, de trabalho ou de comércio, legais ou clandestinas, essas se constituem desde antes da vinda e se (re)configuram no Brasil, a par de outras redes de acolhimento, de caráter institucional, laico ou religioso. São exemplos os trabalhos desenvolvidos por Sidney Silva (2006) com bolivianos e os do mesmo autor (Silva, 2017) e de Handerson (2017) com os haitianos. Já os trabalhos de César e Zanini (2018) e de Carlos Silva (2018) tratam dos efeitos das práticas transmigrantes para o comércio local em cidades brasileiras. Particularmente, Silva (2018) analisa o estabelecimento de migrantes chineses no comércio popular do centro de São Paulo, propondo-se não somente a localizar processos migratórios no espaço, mas também a examinar como a migração reestrutura a localidade e articula dinâmicas socioeconômicas transnacionais, problematizando a ideia de nicho ou bairro étnico (cuja tendência seria atribuir certa uniformidade em relação a territórios da cidade e aos próprios migrantes).

Há também trabalhos realizados junto a migrantes árabes, paraguaios, colombianos e venezuelanos, cujo enfoque são as relações e as tensões em regiões fronteiriças, nos quais as categorias acionadas reportam à *mobilidade* e ao caráter *transfronteiriço* desses fluxos (Albuquerque, 2010; Albuquerque; Paiva, 2015; Scott; Vasconcelos,

2015; Rabossi, 2010; 2015)²¹. Especificamente as pesquisas de Handerson (2010) sobre a *diáspora* haitiana no Brasil trazem farto material etnográfico acerca das circulações e das transitoriedades dos haitianos antes e depois de sua passagem pelo Brasil. Considerando-os como *diáspora* ou *emigrantes* — categorias mobilizadas pelos próprios migrantes —, Handerson demonstra como seus interlocutores, ao mesmo tempo em que recusam o termo *refugiado*, atribuído pelo Estado brasileiro e comumente associado ao haitiano no imaginário brasileiro, buscam constituir-se como *diáspora*, categoria com sentidos nativos e que associa valores positivos à mobilidade. O termo *diáspora* também é acionado pelas interlocutoras cabo-verdianas de Lobo e Venancio (2017), pelas interlocutoras palestinas de Jardim (2000; 2007; 2009) e por migrantes muçulmanos, de modo geral (Pinto, 2011; 2015).

Observa-se também, na última década, um renovado interesse no estudo de migrações históricas e de novos contingentes migratórios do e para o Brasil. Nesse âmbito, além da continuidade de análises voltadas à constituição de grupos étnicos — com ênfase em diferentes elementos étnicos acionados, como língua (Seyferth, 2004a), socialização (Seyferth, 2017), festas (Santos, 2015), religião (Bahia, 2011; Guérios, 2012), trabalho como *ethos* (Zanini; Santos, 2009; Santos; Zanini, 2012; Santos, 2014) —, outros trabalhos passaram a destacar a existência de vínculos, trocas e circularidades entre, pelo menos, dois Estados-nações. O aumento dos

fluxos e das pesquisas sobre a *emigração* de brasileiros a partir da década de 1990 viabilizou estudos sobre as “migrações de retorno” de descendentes de (i)migrantes históricos (Assis; Zanini; Beneduzi, 2013; Machado, 2011), destacando-os como (trans)migrantes, no sentido do movimento e da circularidade.

Cabe ainda destacar as pesquisas coordenadas por Machado (2011) sobre “japonesidades”, que reúne trabalhos etnográficos realizados entre descendentes e não descendentes de migrantes japoneses, atentando para as múltiplas e variadas formas de torna-se japonês no Brasil. A partir da noção de “diferencialidades”, Machado (2013; 2015b) empreende uma reflexão crítica aos conceitos de “cultura”, “identidade” e “etnicidade”, comumente empregados nos estudos migratórios, buscando distanciar-se de uma perspectiva analítica cuja tendência é objetificar as diferenças culturais. Por outro lado, Motta (2011), em *O Japão não é longe daqui: consumo e estilos de vida*, analisa questões relacionadas à interculturalidade no nordeste brasileiro. Na intersecção entre migração e educação, há também estudos sobre estudantes estrangeiros no Brasil, área inaugurada por Neusa Gusmão, cujas pesquisas com universitários originários de países africanos de língua oficial portuguesa em Portugal e no Brasil destacam questões associadas à *diáspora negra*, à afirmação da *negritude*, *intelectualidade negra* e *mobilidade social* (Gusmão, 2005; 2009; 2014; 2015), temática que vem atraindo a atenção de an-

21 Vale aqui mencionar a pesquisa de Sprandel (1992; 2002; 2006), realizada ainda na década de 1990, sobre migrantes brasileiros no Paraguai (“brasiguaios”) que buscavam analisar construções identitárias e conflitos em regiões de fronteira.

tropólogas, a exemplo do estudo de Mungoi (2012)²².

Ampliando o enfoque comparativo, percebe-se também como, nos últimos anos, a temática dos deslocamentos entra na agenda de pesquisa de antropólogas(os) que atuam junto a comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas, ou que trabalham na interface entre antropologia e meio ambiente. Um conjunto relevante de trabalhos vem analisando os deslocamentos e os conflitos socioambientais associados à expansão do agronegócio, à mineração e à construção de grandes projetos de infraestrutura. Focalizando os impactos da mineração industrial e da construção de hidrelétricas na Amazônia, as pesquisas de longa duração de Baines têm trazido contribuições relevantes às discussões concernentes às relações entre povos indígenas, direitos territoriais, políticas indigenistas e projetos de desenvolvimento econômico (Baines, 1993; 2001; 2011; 2013; 2014; 2017). Há também estudos recentes que examinam processos de expropriação territorial e recriação cultural de comunidades indígenas e ribeirinhas atingidas ou ameaçadas de deslocamento compulsório em razão da construção de barragens e usinas hidrelétricas em diversas regiões da Amazônia brasileira (Loures, 2018; Oliveira; Cohn, 2014), no Vale do Jequitinhonha (Zhouiri; Oliveira, 2005; Teixeira; Zhouiri, 2013) e no nordeste do país (Scott, 2009; 2012; 2013).

Processos de expropriação e retomada territorial, assim como a dimensão das memórias e das lutas pela permanência no território, são foco também de diversas

pesquisas realizadas junto a comunidades indígenas e quilombolas, trazendo à tona os sentidos atribuídos a esses movimentos e suas relações com aspectos cosmológicos e/ou demandas políticas em razão de conflitos territoriais e/ou de ordens diversas (Alarcon, 2018; Costa, 2017; Costa, 2016; Fernandes; Góes, 2018; Ioris, 2018; Oliveira, 2012; Oliveira, 2018; Ramos, 2017; Silva; Mura, 2018). Por fim, vale destacar os recentes estudos sobre desastres ambientais decorrentes da atividade mineradora que focalizam a “violência epistemológica” e os efeitos colonizadores dos discursos de *modernização* e *desenvolvimento* (Zhouiri; Teixeira, 2010; Zhouiri, 2018), assim como o sofrimento social constitutivo da experiência de deslocamento e das lutas por reparação empreendidas por comunidades atingidas pelo rompimento de barragens (Ferreira, 2017; Losekann, 2017; Zhouiri *et al.*, 2016; Zhouiri *et al.*, 2017).

Para além da ênfase em questões de *gênero*, *raça* e *racismo*, nota-se como as pesquisas realizadas na última década estão marcadas por um interesse crescente na análise dos *deslocamentos*, dos *trânsitos*, dos *fluxos*, das *circulações*, das *mobilidades* e das *imobilidades* — e suas conexões com a formação, a expansão e as disputas por mercados, e com a produção de violências e desigualdades. Em grande medida, essa mudança no foco das investigações deve-se aos novos problemas e questões de pesquisa trazidos pelas etnografias produzidas no período, que exigiram, por sua vez, uma progressiva convergência entre diferentes áreas temáticas — particularmente entre

22 Vale ainda mencionar as coletâneas *Imigração Boliviana no Brasil* (Baeninger, 2012), *Imigração Haitiana no Brasil* (Baeninger *et al.*, 2016) e *Migrações Venezuelanas* (Baeninger; Silva, 2018), que constituem esforços importantes de reunir pesquisas sobre migrantes da Bolívia, do Haiti e da Venezuela, mas que resalam, entretanto, para um nacionalismo metodológico.

estudos urbanos, migratórios e de gênero —, além da mobilização e da elaboração de novos paradigmas teórico-metodológicos.

Por um lado, as *perspectivas transnacionais* para a abordagem de campos e redes sociais de *migrantes internacionais* entre países de origem e recepção (Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton, 1992; Feldman-Bianco, 1992) e os novos conceitos formulados, entre 1990 e os anos 2000, salientando *as relações entre os movimentos de pessoas, signos e capitais* ou as *mobilidades* e a relação entre *circulação e globalização*, além da crítica ao nacionalismo metodológico (Glick-Schiller; Çaglar, 2011; Feldman-Bianco, 2011b; 2015; 2018a), continuam influenciando estudos nessas diversas áreas temáticas.

Por outro lado, sobretudo no âmbito da antropologia e sociologia urbana, o *paradigma da mobilidade* e a noção de *territórios circulatorios*, elaborados no final dos anos 1980 por Alain Tarris (1989; 1993; 2000), deram vazão a análises sobre as relações entre movimentos migratórios e a estruturação de redes transnacionais de comércio ambulante, com ênfase nos trânsitos de populações subalternizadas, protagonistas do processo designado *mundialização por baixo*, como bem apontam Freire-Medeiros, Telles e Allis (2018). Nessa área temática, as contribuições críticas trazidas por autores como Isaac Joseph (1998) e Yves Grafmayer (Grafmayer; Joseph, 1994) também foram relevantes por permitirem ampliar a noção de *mobilidade* para além do foco em processos de estratificação e mudança de nível social referidos a estruturas próprias ao interior dos Estados-

-nações, associando o termo aos conceitos de *circulação e acessibilidade* (Freire-Medeiros; Telles; Allis, 2018)²³.

Foucault (2008) é outro autor que tem importância decisiva tanto nos estudos urbanos quanto em diversas outras áreas temáticas, pautando análises sobre tecnologias de governo, gestão diferencial dos ilegalismos (Telles, 2010) e produção de formas mercantilizadas e securitárias de controle dos fluxos (Telles, 2015). No que tange particularmente à intersecção entre estudos migratórios e de gênero, para além das *perspectivas transnacionais*, do *paradigma da mobilidade* e do próprio Foucault, as perspectivas feministas reconhecidas como *transnacionais, pós-coloniais e interseccionais* (Anthias; Yuval-Davis, 1992; Brah, 2006; Cabezas, 2009; Constable, 2009; Kempadoo, 2004; McClintock, 1995) oferecem caminhos sugestivos para a análise de como gênero, imbricando com outras categorias de diferenciação, opera na migração e na produção de desigualdades.

Por sua vez, as reflexões de David Harvey (2005) sobre neoliberalismo, a partir do conceito de *acumulação por despossessão*, assim como as análises críticas de Saskia Sassen (2014) sobre novas *formas brutais de expulsão* — que se expressam no aumento do número de pessoas, empreendimentos e lugares expelidos do coração da ordem social — inspiram pesquisas e a formulação de novos paradigmas para uma análise mais ampla dos deslocamentos e suas relações com processos de despossessão e a produção de violências e desigualdades na atual conjuntura do capitalismo neoliberal (Feldman-Bianco, 2015; 2017; 2018a).

23 No campo dos estudos urbanos, vale também destacar a influência do *novo paradigma das mobilidades* elaborado a partir dos anos 1990 por John Urry (2000; 2007), especialmente em pesquisas voltadas às temáticas do turismo em favelas, mídia e consumo (Freire-Medeiros, 2013; Freire-Medeiros; Vilarouca; Menezes, 2013; Freire-Medeiros; Menezes, 2016; Freire-Medeiros; Name, 2017).

Considerações finais: avanços, limites e desafios

Neste texto, examinamos a formação, a consolidação e as transformações do campo de estudos migratórios no Brasil por meio da produção bibliográfica realizada entre 1940 e 2018. Essa análise desses quase 80 anos de investigações acadêmicas revela que, apesar dos inegáveis avanços obtidos e do surgimento de projetos comparativos ou voltados a outros contextos nacionais, a maioria das pesquisas focaliza migrantes internacionais e/ou outros deslocados no ou do país. Portanto, estamos aparentemente construindo uma *antropologia em casa* das migrações e dos deslocamentos, mas cujos enfoques e paradigmas expõem diálogos, influências, tendências e debates internacionais, com base em pesquisas realizadas em diferentes conjunturas históricas.

Assim, entre as décadas de 1940 e 1970, em consonância com as tendências acadêmicas internacionais, pesquisadores adotaram abordagens assimilacionistas, enfatizando a *aculturação* dos modos de vida ou (no Pós-Guerra) a *integração* de imigrantes à sociedade de classes por meio do desenvolvimento econômico e da mobilidade social no país de radicação. A progressiva substituição de perspectivas assimilacionistas por estudos da etnicidade ocorreria em finais da década de 1960 e, com mais vigor, de 1970 em diante, quando imigrantes passaram a ser examinados enquanto grupo étnico no país de destino.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a viragem de ideologias assimilacionistas pelo pluralismo cultural constituiu estratégia de governo e de instituições filantrópicas americanas voltadas ao controle e à despolitização do movimento negro que, incorporando por extensão os pobres urbanos por meio da dis-

tribuição de recursos segundo linhas étnicas (Glick-Schiller, 2010), estimularam o florescimento da etnicidade. Em comparação, no Brasil, os preceitos de Fredrick Barth sobre etnicidade, grupo étnico e fronteiras étnicas atraíram, ainda durante a ditadura civil militar (1964–1985), discípulos de Florestan Fernandes dos campos da etnologia indígena, como Roberto Cardoso de Oliveira, e das migrações, como Francisca Keller.

Nesse âmbito, além de Giralda Seyferth ter sido uma das primeiras antropólogas a examinar, ancorada em Barth e Weber, as relações entre nação e identidade étnica, suas investigações etno-históricas contribuíram para conectar diferentes campos de estudos (como campesinato, colonização, imigração, classe, raça e racismo), artificialmente separados por um arraigado positivismo nas ciências sociais. Diferentemente de Florestan Fernandes — cuja proposta de comparar e contrapor o acesso diferencial de imigrantes e descendentes à mobilidade social restringiu a análise da questão racial aos descendentes de escravos e, ao mesmo tempo, invisibilizou a imanente racialização, discriminação e reelaboração das diferenças étnicas e culturais do “outro”, estrangeiro —, Seyferth justapôs migração, raça e nação. Consequentemente, ajudou-nos a entender as conexões entre migração, miscigenação e branqueamento, assim como hierarquias raciais e racismo no pensamento social brasileiro. O seu contínuo e detalhado mapeamento das políticas brasileiras de colonização e imigração constituiu aporte significativo ao campo de estudos migratórios no Brasil.

Além do renovado interesse em estudos sobre os antigos contingentes de imigrantes e seus descendentes no Brasil, assistimos desde os finais dos anos de 1980, e mais veementemente a partir das décadas de 1990 e 2000, a expansão do campo de estudos

migratórios, expressa pela criação de centros e núcleos, projetos comparativos e interdisciplinares, grupos e linhas de pesquisa, grupos de trabalho que contaram com financiamentos, assim como pela emergência de revistas, informes e outras publicações voltadas à temática. Enquanto pesquisadores dos antigos contingentes migratórios no Brasil tenderam a manter sua atenção às questões relacionadas à identidade étnica, a migração de brasileiros para o exterior, iniciada em decorrência da crise econômica dos anos de 1980, ampliou o foco das investigações, gerando novas questões de pesquisa, acopladas à adoção de perspectivas transnacionais de migração — não só de pessoas, mas também de signos, produtos e capitais — em uma conjuntura marcada pela crescente criminalização de migrantes internacionais em situação indocumentada.

Como corolário, sequências de pesquisas de campo sincrônicas ou etno-históricas realizadas especialmente entre migrantes brasileiros radicados em diversas localidades dos Estados Unidos e de países membros da União Europeia, como Portugal e Espanha, confrontaram o desafio de examinar as relações entre a construção de clandestinidade e ilegalidade, projetos familiares, trabalho e cidadania, gênero e interseccionalidades, e reconfigurações identitárias no contexto do estabelecimento de políticas de viés securitário. Sucessivas descobertas de pesquisas direcionaram diversos estudos para o acompanhamento de novas problemáticas, alterando os focos de pesquisa — tais como o turismo sexual às migrações — e demandando a interconexão entre diferentes campos de estudo, tais como gênero e migrações; gênero, migrações e justiça criminal; migrações, continuidades coloniais e direitos humanos e assim por diante.

Também as etnografias realizadas em cidades do Brasil de onde saíram os brasileiros que foram viver no exterior ou naquelas onde mais recentemente se estabeleceram os novos contingentes de migrantes, oriundos de países da África, do Oriente Médio, da América Latina e do Caribe, da China, entre outros (muitos dos quais solicitantes de refúgio que escaparam de guerras e regimes autoritários), exigiram a reavaliação das questões e dos focos de pesquisa. Especialmente os acontecimentos envolvendo a chegada no país de “refugiados climáticos” do Haiti em 2010 atraíram a atenção de estudantes e pesquisadores, estimulando o interesse em pesquisas sobre novos fluxos migratórios, trazendo à tona novos temas de investigação e motivando novas interconexões entre campos de estudo.

Devemos atentar que, além de desafiar o imanente positivismo, essas junções entre campos incluem áreas de estudos mais recentes, tais como gênero, violência e direitos humanos. Porém, acima de tudo, essas junções e interconexões nos orientam a discernir melhor as complexidades dos processos sociais, além de nos dar condições para elaborar novos paradigmas ou incorporar outros já existentes. Afinal, como Eric Wolf nos ensina, os conceitos e os modelos devem ser tratados como um kit de ferramentas, que podem nos conduzir a “uma avaliação crítica dos modos como formulamos e respondemos certas questões e as limitações que trazemos a essas tarefas” (Wolf, 1988, p. 321). Entretanto, é a etnografia, especialmente a etno-histórica, que, ao fornecer ferramentas para a contínua reavaliação de nossas ideias, revela-nos novos horizontes e elementos para refletir e mudar a teoria (Vincent, 1991).

Em um cenário mundial caracterizado por intensos deslocamentos sociais e ecológicos, expulsões, brutalidade, acumulação por

desposseção, precariedade da vida humana e criminalização da pobreza, a análise de padrões recorrentes nas formas de controle das fronteiras e de populações diversas em diferentes contextos, através do tempo e do espaço, levou à incorporação de abordagens teóricas que vão desde a perspectiva foucaultiana de *tecnologias de governo* até abordagens interseccionais e pós-coloniais. Ao mesmo tempo, está em elaboração um paradigma mais amplo e comparativo de deslocamentos para analisar e teorizar a respeito de vários tipos, escalas e espaços das mobilidades e das imobilidades à luz dos interstícios da dominação e do poder, que são percebidos como parte inerente à reestruturação do capitalismo global (Feldman-Bianco, 2015; 2017; 2018a). Procuram-se, assim, expor políticas, padrões e processos similares que produzem deslocamentos, desigualdades, desposseção e violências em relação a diferentes populações à margem.

Desse prisma, enquanto examinamos, entre 1940 e meados dos anos 2000, a produção bibliográfica mais direcionada às migrações internacionais, utilizamos esse emergente e mais amplo paradigma de migrações e deslocamentos para expor políticas e processos sociais similares que estão ocorrendo em várias áreas temáticas, seja migrações, estudos urbanos, etnologia indígena, desastres ambientais causados por grandes projetos desenvolvimentistas, entre outros.

Entretanto, com os avanços obtidos, confrontamos persistentes limitações, principalmente no que se refere ao nacionalismo

metodológico que impregna a maior parte da produção bibliográfica examinada. Não raras vezes, migrantes internacionais são nomeados por sua nacionalidade e associados ao seu país de origem, desconsiderando assim a heterogeneidade dessas populações e a pluralidade de formas a partir das quais elas próprias se nomeiam e se diferenciam, e em que situações. Tende-se ainda a tomar como dado, e assim naturalizar, os imigrantes enquanto grupo étnico, em vez de se examinar quando e em que situações a etnicidade acontece e quando são acionadas outras identidades. Além do mais, embora migrantes vivam em cidades, deixa-se de se analisar a escala da cidade e as formas de inserção desses protagonistas e suas relações com outros migrantes e nacionais. O mesmo ocorre em pesquisas que focalizam outras populações da cidade.

Além da necessidade de problematizar essas questões e dirimir esses entraves, estamos confrontando desde a ascensão da extrema direita, ameaças à democracia e à ordem constitucional à perda de direitos e ao aumento da violência, do racismo e da xenofobia contra migrantes, indígenas, afro-brasileiros — enfim, uma escalada das políticas draconianas de criminalização da pobreza e da desposseção, já apontadas nesse balanço bibliográfico. Nesse sentido, torna-se crucial estudar as relações entre as políticas atuais, a ascensão da extrema direita e o foco em deslocamentos não somente no que se refere à produção de conhecimento, mas também à ação social.

Bibliografia

ALARCON, D. F. The return of relatives: processes of mobilisation and village construction among the Tupinambá of Serra do Padeiro, southern Bahia, Brazil. *Vibrant*, v. 15, n. 2, 2018. <https://doi.org/10.1590/1809-43412018v15n2a401>

- ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2010. 265 p.
- ALBUQUERQUE, J. L. C.; PAIVA, L. F. S. Entre nações e legislações: algumas práticas de “legalidade” e “ilegalidade” na tríplice fronteira amazônica. **Revista Ambivalências**, v. 3, n. 5, p. 85-114, 2015. <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v3n5p115-148>
- ANTHIAS, F.; YUVAL-DAVIS, N. **Racialized boundaries: race, nation, gender, colour and class and the anti-racist struggle.** Londres: Routledge, 1992.
- APPADURAI, A. **The Social Life of Things.** Cambridge e Nova York: Cambridge University Press, 2008.
- ARANTES, A. A. A Guerra dos Lugares. *In*: FORTUNA, C. (org.). **Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de sociologia.** Oeiras: Celta, 1997. p. 259-270.
- ARANTES, A. A. **Guia Cultural do Museu Aberto do Descobrimento.** Campinas: Andrade e Arantes, 2002.
- ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000.
- ARANTES, A. A. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público.** Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- ARAÚJO, F. **Das “técnicas” de fazer desaparecer corpos: desaparecimentos, violência, sofrimento e política.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- ARAÚJO, J. R. **Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália.** São Paulo: IDESP/Sumaré, 2000.
- ASSIS, G. de O. De Criciúma para o mundo: Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. *In*: MARTES, A. C.; FLEISCHER, S. **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ASSIS, G. de O. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero dos novos migrantes brasileiros.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.
- ASSIS, G. de O. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ASSIS, G. de O. **Estar aqui... estar lá uma cartografia da vida entre os Estados Unidos e o Brasil.** Campinas: Nepo/Unicamp, 2002. (Textos NEPO, 41.)
- ASSIS, G. de O. Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migrações internacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 745-772, 2007.
- ASSIS, G. de O.; SASAKI, E. M. Os novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. *In*: CASTRO, M. G. (org.). **Migrações internacionais: contribuições para políticas.** Brasília: CNPD, 2001. p. 615-669.
- ASSIS, G. de O.; SIQUEIRA, S. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. **REMHU**, v. 17, n. 32, 2009.
- ASSIS, G. de O.; ZANINI, M. C.; BENEDUZI, L. F. Ítalo-Brasileiros na Itália no século XXI: “retorno” à terra dos antepassados, impasses e expectativas. **REMHU**, v. 21, p. 139-162, 2013.
- AZEVEDO, D. **Ausências incorporadas: etnografia entre mortos e desaparecidos políticos no Brasil.** São Paulo: Editora Unifesp, 2018.
- AZEVEDO, D. **Os melhores anos de nossas vidas: narrativas, trajetórias e trajetos de exilados brasileiros em Moçambique.** São Paulo: Annablume, 2013.

- AZEVEDO, D. Trajetórias militantes: do Brasil a Moçambique nas redes da esquerda internacional. **Etnográfica**, Lisboa, v. 16, n. 3, p. 461-486, 2012. <https://doi.org/10.4000/etnografica.2085>
- AZEVEDO, D.; SANJURJO, L. Between dictatorships and revolutions: narratives of Argentine and Brazilian exiles. **Vibrant**, v. 10, n. 2, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-43412013000200010>
- AZEVEDO, T. de. **Italianos e gaúchos**. Rio de Janeiro/Brasília: Ed. Cátedra/Fundação Nacional Pró-Memória, 1975.
- BAENINGER, R. **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2012.
- BAENINGER, R. *et al.* (orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiá: Paco Editorial, 2016.
- BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (orgs.). **Migrações Venezuelanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP/FAPESP, 2018.
- BAHIA, J. D. do V. Imigração judaica e ativismo político nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. *In*: PACELI, A. *et al.* (orgs.). **A experiência migrante: deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- BAHIA, J. D. do V. **O tiro da bruxa: identidade, magia e religião entre os camponeses pomeranos do Espírito Santo**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- BAHIA, J. D. do V. **O tiro da bruxa: identidade, magia e religião entre os imigrantes alemães**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. 410 p.
- BAINES, S. G. A Política Indigenista Governamental e Os Waimiri-Atroari: Administrações Indigenistas, Mineração de Estanho e A Construção de “Autodeterminação Indígena” Dirigida. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 36, p. 207-237, 1993. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1993.111395>
- BAINES, S. G. A situação prisional de indígenas no sistema penitenciário de Boa Vista, Roraima. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 46, p. 143-155, 2015.
- BAINES, S. G. A usina hidrelétrica Balbina e o Programa Waimiri-Atroari - (des)articulação da etnicidade. *In*: RODRIGUES, L. C.; SILVA, I. B. P. (orgs.). **Saberes locais, experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico**. Fortaleza: ABA Publicações, 2014. p. 207-217.
- BAINES, S. G. As Terras Indígenas no Brasil e a “regularização” da implantação de grandes usinas hidrelétricas e projetos de mineração na Amazônia. **Série Antropologia**, Brasília, v. 300, p. 1-16, 2001.
- BAINES, S. G. Globalization and the Impacts of Large-Scale Development Projects on Indigenous Peoples of the Brazilian Amazon. **Latinam-Zine**, v. 1, n. 1, p. 70-77, 2011.
- BAINES, S. G. Povos Indígenas na Fronteira Brasil-Guiana e os megaprojetos de integração econômica. **Ciência e Cultura**, v. 65, n. 1, p. 40-42, 2013. <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252013000100016>
- BAINES, S. G. Projetos de desenvolvimento na Amazônia e as estratégias de grandes empresas. **Abya-Yala: Revista sobre Acesso à Justiça e Direitos nas Américas**, v. 1, n. 1, p. 297-314, 2017. <https://doi.org/10.26512/abya-yala.v1i1.6785>
- BALDUS, H.; WILLEMS, E. Casas e túmulos de japoneses no Vale do Ribeira de Iguape. **Revista do Arquivo Municipal**, v. 77, p. 121-137, 1941.
- BARROS, R.; FARIAS, J. Political displacements between the periphery and the center through territories and bodies. **Vibrant**, v. 14, n. 3, 2017. <https://doi.org/10.1590/1809-43412017v14n3p279>
- BARTH, F. **Ethnic Groups and Boundaries**. Bergen/Londres: Universitetsforlaget/George Allen & Unwin, 1969.
- Basch, L.; Glick-Schiller, N.; Szanton-Blanc, C. **Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States**. Nova York, Gordon e Breach: Routledge, 1994.

- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. **Branços e negros em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- BASTOS, C.; ALMEIDA, M. V. de; FELDMAN-BIANCO, B. (orgs.). **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- BASTOS, C.; ALMEIDA, M. V. de; FELDMAN-BIANCO, B. (orgs.). **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.
- BERTONHA, J. F. Fascismo, antifascismo y las comunidades italianas en Brasil, Argentina y Uruguay: Una perspectiva comparada. **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, v. 14, n. 42, p. 111-133, 2000.
- BERTONHA, J. F. Fascismo e emigração italiana. In: SILVA, C. T. (org.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004a. p. 295-296.
- BERTONHA, J. F. O antifascismo italiano no Brasil: comparações internacionais e vivências transnacionais. **Anuario IEHS, Tandil**, v. 19, p. 63-78, 2004b.
- BERTONHA, J. F. **Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945**. São Paulo: Annablume, 1999.
- BESERRA, B. **Brazilian Immigrants in the United States: Cultural Imperialism and Social Class**. Nova York: LFB Scholarly Publishing, 2003.
- BESERRA, B. From Brazilians to Latinos? Racialization and Latinidad in the Making of Brazilian Carnival in Los Angeles. **Latino Studies**, v. 3, p. 53-75, 2005. <https://doi.org/10.1057/palgrave.lst.8600131>
- BESERRA, B. Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 313-344, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100014>
- BESERRA, B. The reinvention of Brazil and other metamorphoses in the world of Chicago Samba. **Vibrant**, v. 8, n. 1, p. 117-145, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412011000100005>
- BETTS, A.; KAINZ, L. The History of Global Governance. **Refugee Studies Centre, Working Paper Series**, v. 122, p. 1-18, 2017.
- BIONDI, K. **Etnografia do movimento: território, hierarquia e lei no PCC**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- BIONDI, L. **Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- BIONDI, L. Identidade de classe e identidade nacional entre solidariedade e conflito: Socialistas e republicanos italianos na São Paulo do início do século XX e suas relações com as associações patricias e o nascente sindicalismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 26, n. 1, p. 131-162, 2000. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2000.1.24789>
- BIONDI, L. Sociedades italianas de socorro mútuo e política em São Paulo entre o século XIX e o século XX. **Travessia, Revista do Migrante**, v. 34, p. 5-12, 1999.
- BIRMAN, P.; FERNANDES, A.; PIEROBON, C. Um emaranhado de casos: tráfico de drogas, estado e precariedade em moradias populares. **Mana**, v. 20, n. 3, p. 431-460, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132014000300001>
- BLANCHETTE, T. G. **Gringos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

- Blanchette, T. G.; SILVA, A. P. da. A vítima designada: Representações do tráfico de pessoas o Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 98, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/339807/2018>
- Blanchette, T. G.; SILVA, A. P. da. O mito de Maria, uma traficada exemplar: confrontando leituras mitológicas do tráfico com as experiências de migrantes brasileiros, trabalhadores do sexo. **REHMU**, ano XIX, n. 37, p. 79-105, jul./dez. 2011.
- BONGIANINO, C. F. Crescendo pessoas, relações e lugares: experiências cabo-verdianas sobre família e mobilidade. **Cadernos Pagu**, v. 45, p. 111-133, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201500450111>
- BORGES PEREIRA, J. B. **Italianos no mundo rural paulista**. São Paulo: Pioneira/IEB-USP, 1974.
- BOURDIEU, P. Preface. In: SAYAD, A. **The Suffering of the Immigrant**. Cambridge: Polity Press, 2004. p. xi-xiv.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-365, 2006.
- BRASIL JR., A. O imigrante e seus irmãos: as pesquisas empíricas de Florestan Fernandes e Gino Germani. **Lua Nova**, n. 81, p. 175-213, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452010000300008>
- CABEZAS, A. **Economies of desire**. Sex and tourism in Cuba and the Dominican Republic. Filadélfia: Temple University Press, 2009.
- CAETANO DA SILVA, E. Dialéticas da inclusão e da exclusão: Lideranças portuguesas de São Paulo e a questão da invisibilidade. **Convergência Lusíada, Real Gabinete Português de Leitura**, v. 19, p. 120-136, 2002.
- CAETANO DA SILVA, E. Entre as glórias renovadas do Império e o discurso da irmandade: História, política e identidade num enredo luso-brasileiro. **Temáticas**, v. 10, n. 19/20, p. 35-59, 2003a.
- CAETANO DA SILVA, E. *La saudade des jeunes et la modernité des anciens: constructions culturelles de ressemblance et de différence parmi les migrants portugais et luso-descendants de São Paulo*. **Revue Annuelle du Groupe Anthropologie du Portugal**, Paris, n. 9, p. 47-59, 2003b.
- CAPERNEO, M.; NARDI, H. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. **Cadernos Pagu**, n. 49, 2017. <https://doi.org/10.1590/18094449201700490012>
- CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- CARDOSO, F. H.; IANNI, O. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- Cardoso, R. C. L. A trajetória dos movimentos sociais. In: DAGNINO, E. (org.). **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARDOSO, R. C. L. O agricultor e o profissional liberal entre os Japoneses no Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 11, n. 1-2, p. 53-60, 1963. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1963.110687>
- CARDOSO, R. C. L. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. **Revista de Antropologia**, v. 7, n. 1-2, p. 101-122, 1959. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1959.110393>
- CARDOSO, R. C. L.; DURHAM, E. R. **Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O índio e o Mundo dos Brancos**. São Paulo: Difusão Europeia, 1964.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. **Negros estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CARRICONDE, R. M. “**Cair na Rede**”: **circulações desde abrigos da cidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- CARSTEN, J. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CARVALHO FRANCO, M. S. O estudo sociológico de comunidades. **Revista de Antropologia**, v. 11, n. 1-2, p. 29-39, 1963. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1963.110684>
- CASTRO, M. G. (org.). Dossiê Identidades, Alteridades, Latinidades. **Caderno CRH**, Salvador, v. 32, jan./jun. 2000.
- CASTRO, M. G.; BERQUÓ, E. (orgs.). Migrações internacionais e políticas: Algumas experiências internacionais. *In*: CASTRO, M. G.; BERQUÓ, E. (orgs.). **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 2001. p. 15-32.
- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, M. O tema das migrações internacionais na Sociologia no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 88-113, 2018. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.235>
- CÉSARO, F. S. de; ZANINI, M. C. C. “Tem que estar bonito pra vender”: a produção senegalesa de espaços de venda em Santa Maria (Rio Grande do Sul, Brasil). **REMHU**, Brasília, v. 26, n. 52, p. 95-110, jan./abr. 2018.
- COHEN, A. **Custom and Politics in Urban Africa: A Study of Hausa Migrants in Yoruba Towns**. Los Angeles e Berkeley: University of California Press, 1969.
- CONSTABLE, N. The commodification of intimacy: marriage, sex and reproductive labour. **Annual Review of Anthropology**, v. 38, p. 49-64, 2009. <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.37.081407.085133>
- COSTA, J. B. de A. Negros do norte de Minas: expropriados, excluídos, criminalizados e construtores de si como sujeitos de direitos constitucionais. *In*: OLIVEIRA, O. M. de (org.). **Direitos quilombolas & dever de Estado em 25 anos da Constituição Federal de 1988**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.
- COSTA, P. H. M. de A. Entre os documentos e as retomadas: movimentos da luta quilombola em Brejo dos Crioulos (MG). *In*: EILBAUM, L.; SCHUCH, P.; CHAGAS, G. F. (orgs.). **Antropologia e Direitos Humanos 7**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2017.
- COSTA PINTO, L. de A. Pesquisas sobre a Bahia. **A Tarde**, Salvador, p. 3, 27 out. 1950.
- CUNHA, E. L. Comemorações dos Descobrimentos: reconfigurações contemporâneas da nacionalidade no Brasil e em Portugal. *In*: GROSSEGESE, O. (org.). **O Estado do Novo Futuro: Brasil e Portugal entre Identidade e Globalização**. Berlin: Tranvia-Verlag Walter Frey, 2004. p. 66-87.
- CUNHA, E. L. Margens: multiculturais, diaspóricas, pós-coloniais. **Margens/Márgenes**, v. 1, n. 3, p. 16-21, 2003.
- CUNHA, E. L. O Brasil ao alcance de todos: imagens da nacionalidade e comemorações dos 500 anos do descobrimento. **Revista Semear**, v. 5, p. 87-105, 2001.
- CUNHA, E. L. O Brasil no imaginário português. **Revista Semear**, v. 6, p. 143-155, 2002.
- CUNHA, E. L. (org.). Dossiê Nação e Identidades. **Caderno CRH**, Salvador, n. 33, 2000.
- DAS, V.; POOLE, D. State and its margins: comparative ethnographies. *In*: DAS, V.; POOLE, D. **Anthropology in the Margins of the State**. Santa Fé: School of American Research Press, 2004. p. 3-33.

- DE LUCCA, D. Nem dentro, nem fora do albergue: transformações e usos de um dispositivo da assistência. *In: CUNHA, N. V.; FELTRAN, G. S. (orgs.). **Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2013.*
- DEBERT, G. G. Migrações e o Cuidado do idoso. **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 129-149, 2016. <https://doi.org/10.1590/18094449201600460129>
- DIAS, G. M. **Experiências de trabalho temporário nos Estados Unidos: uma abordagem etnográfica do Okemo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- DIAS, G. M. Governabilidade Migratória e Organismos Internacionais. *In: LIMA, A. C. S. et al. (orgs.). **A Antropologia e a Esfera Pública no Brasil***. Brasília: ABA Publicações, 2018. p. 611-627.
- DIAS, G. M. **Migração e Crime: desconstrução das políticas de segurança e tráfico de pessoas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014a.
- DIAS, G. M. Migração, segurança e governabilidade migratória. O papel dos Organismos Internacionais. **Crítica y Emancipación**, v. 6, n. 11, p. 557-579, 2014b.
- DIAS, G. M. Notas sobre as negociações da “Convenção do Crime” e dos protocolos adicionais sobre tráfico de pessoas e contrabando de migrantes. **REMHU**, Brasília, v. 23, n. 45, jul./dez. 2015. <https://doi.org/10.1590/1980-8585250319880004511>
- DIAS, G. M. The experience of guestworkers at a United States Tourist Resort. **Vibrant**, v. 10, n. 2, p. 198-228, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412013000200007>
- DIAS, G. M. Trata de personas, tráfico de migrantes y la gobernabilidad de la migración a través del crimen. **Etnográfica**, v. 21, n. 3, p. 541-554, 2017. <https://doi.org/10.4000/etnografica.5026>
- DIAS, G. M.; SPRANDEL, M. A. Reflexões sobre políticas para migrações e tráfico de pessoas no Brasil. **REMHU**, v. 19, n. 37, p. 59-77, 2011.
- DIAS, J. B. Projetos migratórios e relações familiares em Cabo Verde. **REMHU**, v. 14, n. 26/27, 2006.
- DIEGUES JR., M. **Imigração, urbanização, industrialização**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/MEC, 1964.
- DIEGUES JR., M.; NEIVA, A. H. The cultural assimilation of immigrants in Brazil. *In: BORRIE, W. D. (org.). **The cultural integration of immigrants: a survey based upon the papers and proceedings of the UNESCO conference held in Havana***. Paris: UNESCO, 1956. p. 181-233.
- DOMENECH, E. O controle da imigração “indesejável”: expulsão e expulsabilidade na América do Sul. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 2, p. 25-29, 2015. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200010>
- DURHAM, E. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DURHAM, E. **Mobilidade e Assimilação**. A história do imigrante italiano num município paulista. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1966.
- EISENSTADT, S. N. Sociological Aspects of the Economic Adaptation of Oriental Immigrants in Israel: A Case Study in the Process of Modernization. **Economic Development and Cultural Change**, v. 4, n. 3, p. 269-278, 1956. <https://doi.org/10.1086/449717>
- EISENSTADT, S. N. **The absorption of immigrants**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1954.

- ETcheberre, R. **Cotidiano na Diáspora: Uma etnografia sobre haitianas na cidade de Santa Barbara D'Oeste, interior de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- EVANGELISTA, R. de A. **Traidores do Movimento: política, cultura, ideologia e trabalho no Software Livre**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- FACUNDO NAVIA, A. **Êxodos, refúgios e exílios Colombianos no Sul e Sudeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2017.
- FACUNDO NAVIA, A. Romanticismo do exílio e anonimato do refúgio: comunidades morais e administração de populações e trânsitos no Brasil contemporâneo. *In: POVOA NETO, H.; SANTOS, M. de O.; PETRUS, R. (orgs.). Migrações: rumos, tendências e desafios*. São Paulo: Polo Books, 2016. p. 199-214.
- FARIAS, J. **Governo das mortes: uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- FASSIN, D. Compassion and Repression: The Moral Economy of Immigration Policies in France. **Cultural Anthropology**, v. 20, n. 3, p. 362-387, 2005.
- FASSIN, D. Gobernar por los cuerpos, políticas de reconocimiento hacia los pobres y los inmigrantes em Francia. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 17, p. 49-78, 2003. <https://doi.org/10.34096/cas.i17.4599>
- FASSIN, D. **Humanitarian Reason**. Berkeley: University of California Press, 2012.
- FAUSTO, B. (org.). **Fazer a América: a Imigração em Massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FAUSTO, B. *et al.* (orgs.). **Imigração e Política em São Paulo**. São Carlos: EdUFSCar, 1995.
- FELDMAN-BIANCO, B. A Família na Diáspora e a Diáspora na Família. *In: ALMEIDA, H. B.; CAPELATO, M. H. (orgs.). Manifestações Culturais nas Américas: Relações de Gênero e Diversidade Cultural*. São Paulo e Rio de Janeiro: EDUSP/Expressão e Cultura, 1999. p. 253-273.
- FELDMAN-BIANCO, B. A Saudade Portuguesa na América: Artefatos Culturais, Histórias Oraís e a Tradução de Culturas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 45, p. 113-126, 1996.
- FELDMAN-BIANCO, B. Anthropology and Ethnography: The Transnational Perspective on Migration and Beyond. **Etnográfica**, v. 22, n. 1, p. 195-215, 2018a. <https://doi.org/10.4000/etnografica.5203>
- FELDMAN-BIANCO, B. Apresentação: Deslocamentos, Desigualdades e Violência de Estado. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 2, p. 20-24, 2015. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200009>
- FELDMAN-BIANCO, B. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: Cultural Constructions of Sameness and Difference. **Identities: Global Studies in Culture and Power**, v. 8, n. 4, p. 607-650, 2001. <https://doi.org/10.1080/1070289X.2001.9962710>
- FELDMAN-BIANCO, B. Caminos de ciudadanía: emigración, movilizaciones sociales y políticas do Estado brasileiro. *In: FELDMAN-BIANCO, B. et al. (orgs.). La construcción social del sujeto migrante en América Latina: prácticas, representaciones y categorías*. Equador: Flacso, 2011a. p. 235-280.
- FELDMAN-BIANCO, B. Desarrollos de la perspectiva transnacional: Migración, ciudad y economía política en la intersección de la antropología y la historia. *In: BESSERER, F. (org.). Intersecciones Urbanas: Ciudad Transnacional, Ciudad Global*. Ciudad de México: Editorial UAM - Colección Estudios Transnacionales, 2016. p. 57-86.

- FELDMAN-BIANCO, B. Deslocamentos. In: CAVALCANTI, L. *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.
- FELDMAN-BIANCO, B. Entre a “fortaleza” da Europa e os laços afetivos da “irmandade” luso-brasileira: um drama familiar em um só ato. In: BASTOS, C.; ALMEIDA, M. V.; FELDMAN-BIANCO, B. (orgs.). **Trânsitos coloniais**: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002. p. 385-415.
- FELDMAN-BIANCO, B. Globalização, antigos imaginários e reconfigurações de identidade: percursos de uma pesquisa comparativa. **Cadernos CRH**, v. 13, n. 33, p. 27-48, 2000a. <http://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v13i33.18567>
- FELDMAN-BIANCO, B. Imigração, Confrontos Culturais e (Re)construções de Identidade Feminina: O Caso das Intermediárias Culturais. **Horizontes Antropológicos**, v. 3, n. 5, p. 65-83, 1997a.
- FELDMAN-BIANCO, B. Immigration, Cultural Contestations and the Reconfiguration of Identities. **Journal of Latin American Anthropology**, v. 4, n. 1-2, p. 126-141, 2000b.
- FELDMAN-BIANCO, B. Introdução. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 48, p. 1-8, 1997b.
- FELDMAN-BIANCO, B. Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity and Nationalism among Portuguese immigrants. In: SCHILLER, N. G.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (eds.). **Towards a Transnational perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered**. Nova York: New York Academy of Science, 1992. p. 145-174.
- FELDMAN-BIANCO, B. O Brasil frente ao regime global de controle das migrações: Direitos humanos, securitização e violências. **Revista Travessias**, v. 31, n. 83, p. 11-36, 2018b.
- FELDMAN-BIANCO, B. Reconstruindo a Saudade Portuguesa em Vídeo: Histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (orgs.). **Desafios da Imagem**: Iconografia, fotografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998. p. 289-304.
- FELDMAN-BIANCO, B. Reinventando a Localidade: Globalização Heterogênea, Escala da Cidade e a Incorporação Desigual de Migrantes Transnacionais. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 31, p. 19-50, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000100002>
- FELDMAN-BIANCO, B. Remaking Locality: Uneven Globalization and Unequal incorporation of Transmigrants. In: GLICK-SCHILLER, N.; ÇAĞLAR, A. (orgs.). **Locating Migration: Rescaling Cities and Migrants**. Chicago: Cornell University Press, 2011b.
- FELDMAN-BIANCO, B. **Saudade**. Watertown: Documentary Educational Resources, 1991. 59 min.
- FELDMAN-BIANCO, B. The Aftermath of a Rape Case: The Politics of Migrants’ Unequal Incorporation in Neo-Liberal Times. In: BARBER, P. G.; LEMB, W. (orgs.). **Migration in the 21st Century: Political Economy and Ethnography**. Nova York: Taylor & Francis/Routledge, 2012.
- FELDMAN-BIANCO, B. The State, Saudade and the Dialectics of Deterritorialization and Reterritorialization, in working paper. **Oficina do CES**, n. 46, 1995.
- FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **Nações e Diásporas**. Estudos Comparativos entre Brasil e Portugal. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- FELDMAN-BIANCO, B. *et al.* Introducción. In: FELDMAN-BIANCO, B. **La construcción social del sujeto migrante en América Latina**: prácticas, representaciones y categorías. Ecuador: Flacso, 2011c. p. 15-27.
- FELDMAN-BIANCO, B.; CAPINHA, G. (orgs.). Dossiê Identidades. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 48, 1997.

- FELTRAN, G. **Fronteiras de tensão:** política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp/CEM-Cebrap, 2011.
- FELTRAN, G. The management of violence on the São Paulo periphery: the repertoire of normative apparatus in the “PCC era”. **Vibrant**, v. 7, n. 2, p. 109-134, 2010.
- FERNANDES, A. Dois agenciamentos e uma ocupação de moradia. *In:* LEITE, M. *et al.* (orgs.). **Dispositivos urbanos e trama dos viventes:** ordens e resistências. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. p. 250-279.
- FERNANDES, A. dos S. **Escuta Ocupação: Arte do contornamento, viração e precariedade no Rio de Janeiro.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- FERNANDES, F. A aculturação dos sírios e libaneses em São Paulo. **Revista Etapas**, ano I, n. 11, 1956.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Dominus, 1964.
- FERNANDES, F. Imigração e relações raciais. **Revista de Civilização Brasileira**, n. 8, p. 75-95, 1966.
- FERNANDES, F. O Brasil e o mundo árabe. **Revista Etapas**, ano XII, n. 131, p. 33-37, 1967.
- FERNANDES, F. Resenha de “A aculturação dos alemães no Brasil” de Emílio Willems. **Revista do Arquivo Municipal**, ano XV, CXXII (2): 205-218, 1949.
- FERNANDES, R. C.; GÓES, P. R. H. Kaingang ethnic territories. **Vibrant**, v. 15, n. 2, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412018v15n2a407>
- FERREIRA, A. P. *et al.* (orgs.). **A Experiência Migrante:** entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- FERREIRA, L. da S. S. Conflito, mobilização e violações de direitos: atingidos pela mineração e a luta por justiça nas reuniões da Rede de Acompanhamento Socioambiental (REASA) em Conceição do Mato Dentro/MG. *In:* EILBAUM, L.; SCHUCH, P.; CHAGAS, G. F. (orgs.). **Antropologia e Direitos Humanos 7.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2017. p. 81-113.
- FERREIRA, R. H.; GARCIA, L. B. dos R. O papel do Estado na Migração Internacional: O exemplo dos Dekasseguis. **Scripta Nova**, v. 57, n. 94, ago. 2001.
- FERRERAS, N. Historia e historiografía de las condiciones de vida de los trabajadores en la Argentina y el Brasil. Un analisis comparativo de Buenos Aires y Rio de Janeiro. **Pós-História**, Assis, v. 5, p. 11-32, 1997.
- FERRERAS, N. Imigrantes, criollos e a alimentação porteña. Buenos Aires, final do século XIX e início do século XX. **Revista de Estudos Históricos**, v. 1, n. 33, p. 97-115, 2004.
- FERRERAS, N.; FRENCH, J. D. Urban labor history in twentieth century Brazil. *In:* LATIN AMERICAN INSTITUTE. **The Brazilian Curriculum Guide Specialized Bibliography.** Albuquerque: University of New Mexico, 1998. (Série 2.)
- FLEISCHER, S. **Passando a América a limpo:** o trabalho de *housecleaners* brasileiras em Boston. Massachussets. São Paulo: Annablume, 2002.
- FLEISCHER, S. Uma faxina na identidade de emigrantes brasileiras. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 49-67, 2003. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v11i11p49-67>
- FONSECA, C. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 11-43, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100002>

- FONSECA, C. Tecnologias de Governo, Família e Humanitarismo em um Mundo Globalizado. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 72, p. 7-39, 2011.
- FONSECA, C. Transnational Negotiations of the Mechanisms of Governance: Regularizing Child Adoption. **Vibrant**, Brasília, v. 6, n. 1, 2009.
- FONSECA, C. *et al.* Apresentação – Tecnologias de governo: apreciação e releituras em antropologias. **Horizontes Antropológicos**, ano 22, n. 46, p. 9-34, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832016000200001>
- FORTES, A. Da solidariedade à assistência: Estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. **Cadernos AEL**, v. 6, n. 10/11, p. 173-218, 1999.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRANÇA, I. L. “Refugiados LGBTQT” : direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência. **Cadernos Pagu**, n. 50, 2017. <https://doi.org/10.1590/18094449201700500006>
- FRANGELLA, S. M. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de uma rua em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- FRANGELLA, S. M. Fragmentos de corpo e gênero entre meninos e meninas de rua. **Cadernos Pagu**, n. 14, p. 201-234, 2000.
- FREIRE, J. Quando as emoções dão formas às reivindicações. *In*: COELHO, M. C.; REZENDE, C. B. (orgs.). **Cultura e sentimentos**: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 168-196.
- FREIRE-MEDEIROS, B. **Touring Poverty**. Londres/Nova York: Routledge, 2013. (Advances in Sociology Series.)
- FREIRE-MEDEIROS, B.; MENEZES, P. As viagens da favela e a vida social dos suvenires. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 651-670, 2016.
- FREIRE-MEDEIROS, B.; NAME, L. Does the Future of the Favela Fit in an Aerial Cable Car? Examining tourism mobilities and urban inequalities through decolonial lens. **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**, v. 42, n. 1, p. 1-16, 2017. <https://doi.org/10.1080/08263663.2017.1281944>
- FREIRE-MEDEIROS, B.; TELLES, V. da S.; ALLIS, T. Apresentação: Por uma teoria social on the move. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, p. 1-16, 2018. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142654>
- FREIRE-MEDEIROS, B.; VILAROUCA, M. G.; MENEZES, P. International tourists in a “pacified” favela: profiles and attitudes. The case of Santa Marta, Rio de Janeiro. **Die Erde**, Berlim, v. 144, n. 2, p. 147-159, 2013. <https://doi.org/10.12854/erde-144-11>
- FRIGÉRIO, A. A alegria é somente brasileira. A exotização dos migrantes brasileiros em Buenos Aires. *In*: FRIGÉRIO, A.; RIBEIRO, G. L. (orgs.). **Argentinos e brasileiros**: encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 15-40.
- FRÚGOLI JR., H.; SPAGGIARI, E. Networks and Territorialities: an ethnographic approach to the so-called cracklândia [“crackland”] in São Paulo. **Vibrant**, v. 8, n. 2, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-43412011000200027>
- FUJI, Y.; SMITH, L. **The acculturation of the Japanese immigrants in Brazil**. Gainesville: University of Florida Press, 1959.
- FUSCO, W. **Redes Sociais na Migração Internacional**: o caso de Governador Valadares. Campinas: Unicamp, 2002. p. 1-96. (Textos Nepo, 40.)

- GIMENO, P. C. **Poética Versão: a construção da periferia no rap**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- GLICK-SCHILLER, N. A Global Perspective on Transnational Migration: Theorizing Migration without Methodological Nationalism. In: BAUBÖCK, R.; FAIST, T. (orgs.). **Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods**. Amsterdam: University of Amsterdam and IMISCOE, 2010. p. 109-129.
- GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. **Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Considered**. Nova York: New York Academy of Sciences, 1992.
- GLICK-SCHILLER, N.; ÇAGLAR, A. (orgs.). **Locating Migration: Rescaling Cities and Migrants**. Chicago: Cornell University Press, 2011.
- GODOI, R. **Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015a.
- GODOI, R. Vasos comunicantes, fluxos penitenciários: entre dentro e fora das prisões de São Paulo. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 46, p. 131-142, 2015b.
- GODOI, R.; ARAÚJO, F.; MALLART, F. Especializando a prisão: a conformação dos parques penitenciários em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n. 3, p. 591-611, 2019. <https://doi.org/10.25091/s01013300201900030003>
- GOVERS, C.; VERMEULEN, H. **The anthropology of ethnicity: beyond “Ethnic groups and boundaries”**. Amsterdã: Het Spinhuis, 2000.
- GRAFMAYER, Y.; JOSEPH, I. (orgs.). **L'École de Chicago: naissance de l'écologie urbaine**. Paris: Aubier, 1994.
- GRÜN, R. **Negócios & famílias: armênios em São Paulo**. São Paulo: IDESP/Editora Sumaré, 1992.
- GUÉRIOS, P. R. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- GUERREIRO RAMOS, A. Imigração e Preconceito. **Revista do Conselho de Imigração e Colonização**, v. 9, n. 3, p. 131-132, 1948.
- GUIZARDI, M. L. Para pensar las redes transnacionales: Itinerarios e historias migratorias de los capoeiristas brasileños en Madrid. **Vibrant**, v. 10, n. 2, p. 229-271, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412013000200008>
- GURAN, M. **Agudás: Os “brasileiros” do Benin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Gama Filho, 2000**.
- GUSMÃO, N. M. M. Africanos no Brasil, hoje: imigrantes, refugiados e estudantes. In: MALOMALO, B.; FONSECA, D. J. F.; BADI, M. K. (orgs.). **Diáspora Africana e migração na era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho**. Curitiba: CRV, 2015. p. 129-144.
- GUSMÃO, N. M. M. Dossiê Ensino Superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 15-20, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000100002>
- GUSMÃO, N. M. M. Intelectuais negros: migração e formação entre conflitos e tensões. **O Público e o Privado**, n. 23, p. 39-54, 2014.
- GUSMÃO, N. M. M. **Os Filhos da África em Portugal: Antropologia, multiculturalidade e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 315 p.
- GUTERRES, A. dos S. **A resiliência enquanto experiência de dignidade: antropologia das práticas políticas em um cotidiano de lutas e contestações junto a moradoras ameaçadas de remoção nas cidades sede da Copa do Mundo 2014 (POA e RJ)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

- GUTERRES, A. dos S. O rumor e o terror na construção de territórios de vulnerabilidade na zona portuária do Rio de Janeiro. **Mana**, v. 22, n. 1, p. 179-209, 2016. <https://doi.org/10.1590/0104-93132016v22n1p179>
- HALL, M. Corporativismo e fascismo: As origens das leis trabalhistas brasileiras. In: ARAÚJO, A. (org.). **Do corporativismo ao neoliberalismo**. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 13-28.
- HALL, M. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, P. (org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v. 3. p. 121-151.
- HALL, M. Os fazendeiros paulistas e a imigração. In: SILVA, F. T. (org.). **República, Liberalismo, Cidadania**. Piracicaba: Editora Unimep, 2003. p. 153-161.
- HANDERSON, J. **As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- HANDERSON, J. Diáspora, Refugiado, Migrante. Perspectiva Etnográfica em mobilidade e Transfronteira. **Sociedade e Cultura**, v. 20, n. 2, p. 173-192, 2017. <https://doi.org/10.5216/sec.v20i2.53071>
- HANDERSON, J. Diáspora. Sentidos Sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, ano 21, n. 43, p. 51-78, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003>
- HANDLIN, O. **The positive contribution by immigrants: a symposium prepared for UNESCO by the International Sociological Association and the International Economic Association**. Paris: UNESCO, 1955.
- HARVEY, D. **A brief History of neoliberalism**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HERNANDEZ, H. R. G. **Ma(d)jermanes: passado colonial e presente diaspORIZADO. Reconstrução etnográfica de um dos últimos vestígios do socialismo colonial europeu**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- HIRATA, D. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.
- IANNI, C. **Homens sem Paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.
- IANNI, O. A situação social do polonês em Curitiba. **Sociologia**, v. XXXIII, n. 4, p. 375-388, 1961a.
- IANNI, O. **A Sociedade Global**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.
- IANNI, O. **As Metamorfoses do Escravo**. Apogeu e crise da escravatura no Brasil Meridional. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- IANNI, O. Do polonês ao polaco. In: IANNI, O. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1966. p. 117-146.
- IANNI, O. Do polonês ao polaco. **Revista do Museu Paulista, Nova Série**, São Paulo, v. XII, p. 315-338, 1960.
- IANNI, O. Estudo de comunidade e conhecimento científico. **Revista de Antropologia**, v. 9, n. 1-2, p. 109-119, 1961b. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1961.110417>
- Ioris, E. M. Memory regimes, struggles over resources and ethnogenesis in the Brazilian Amazon. **Vibrant**, v. 15, n. 2, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412018v15n2a405>
- JACKSON, L. C. Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos “estudos de comunidades”. **Cadernos de Campo**, v. 18, n. 18, p. 273-280, 2009. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v18i18p273-280>

- JARDIM, D. F. “As mulheres voam com seus maridos”: a experiência da diáspora palestina e as relações de gênero. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 31, p. 189-217, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832009000100008>
- JARDIM, D. F. Diásporas, Viagens e Alteridades: as Experiências Familiares dos Palestinos no Extremo-sul do Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 39-69, 2000. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832000001400003>
- JARDIM, D. F. Etnografia entre aduanas. Reflexiones acerca de las formas difusas del control migratório. **Temas de Antropología e Migracion**, n. 3, p. 6-22, 2012.
- JARDIM, D. F. Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora: experiências identitárias e aduanearas. **Cadernos Pagu**, n. 29, p. 193-225, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000200009>
- JARDIM, D. F. Imigrantes ou refugiados? As tecnologias de governamentalidade e o êxodo palestino rumo ao Brasil no século XX. **Horizontes Antropológicos**, v. 22, n. 46, p. 243-271, 2016.
- JARDIM, D. F. **Imigrantes ou Refugiados?** Tecnologias de Controle e as Fronteiras. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- JARDIM, D. F. Os caminhos do cadastro e outros obstáculos da visibilização do imigrante no Brasil. *In*: FONSECA, C.; MACHADO, H. (orgs.). **Ciência, identificação e tecnologias de governo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 76-95.
- JESUS, S. M. Protagonistas de um Brasil imaginário: Faxineiras brasileiras em Boston. *In*: MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (orgs.). **Fronteiras cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- JOSEPH, I. **La ville sans qualités**. La Tour d'Aigues: Editions de l'Aub, 1998.
- KEARNEY, M.; NAGENGAST, C. **Anthropological Perspectives on Transnational Communities in Rural California**. Davis: California Institute for Rural Studies, 1989.
- KEMPADOO, K. **Sexing the Caribbean**: gender, race and sexual labour. Abingdon: Routledge, 2004.
- KUSHNIR, B. Nem bandidos, nem heróis: Os militantes judeus de esquerda mortos sob tortura no Brasil (1969-1975). *In*: KUSHNIR, B. (org.). **Perfis cruzados**: Trajetórias e militância política no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p. 215-234.
- LACERDA, P. M. **Meninos de Altamira**: violência, luta política e administração pública. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- LATOURETTE, B. **Reassembling the social**: An introduction to actor-network theory. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LEITE, M. P. “Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro”. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 374-389, ago./set. 2012.
- LEITE, M. P. *et al.* **Militarização no Rio de Janeiro**: da Pacificação à Intervenção. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- LEITE, R. P. de S. A Nação como sistema e os novos nacionalismos. **Lua Nova**, n. 44, p. 191-211, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451998000200009>
- LEITE, R. P. de S. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas/Sergipe: Editora Unicamp/Editora UFS, 2004.
- LOBO, A. And When the Women Leave? Female Emigration from Boa Vista. *In*: CARLING, J.; BATALHA, L. (orgs.). **Transnational Arquipelago**. Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008. p. 131-144.

- LOBO, A. Crianças em cena. Sobre mobilidade infantil, família e fluxos migratórios em Cabo Verde. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 49, n. 1, p. 64-74, 2013.
- LOBO, A. Just bring me a little letter?: the flow of things in Cape Verde transnational family relations. **Etnografica**, v. 18, n. 3, p. 461-480, 2014a.
- LOBO, A. Making Families: Child mobility and familiar organization in Cape Verde. **Vibrant**, v. 8, n. 2, p. 197-219, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412011000200009>
- LOBO, A. Mantendo relações à distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. In: TRAJANO FILHO, W. (org.). **Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional**. Brasília: Athalaia, 2010. p. 29-46.
- LOBO, A. **Tão Longe, Tão Perto**: famílias e movimentos na ilha da Boa Vista de Cabo Verde. Brasília: ABA Publicações, 2014b.
- LOBO, A.; VENANCIO, V. Com parente se negocia? Redes migratórias e o comércio transnacional em Cabo Verde. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 23, p. 25-44, 2017.
- LOSEKANN, C. "It was no accident!": The place of emotions in the mobilization of people affected by the collapse of Samarco's tailings dam in Brazil. **Vibrant**, Brasília, v. 14, n. 2, 2017. <https://doi.org/10.1590/1809-43412017v14n2p102>
- LOURES, R. O Governo Karodaybi e seus guerreiros invencíveis: Grandes Projetos na Amazônia versus o Movimento Mundurucu Iperëg Ayü. **Vibrant**, v. 15, n. 2, 2018. <https://doi.org/10.1590/1809-43412018v15n2a404>
- LOWENKRON, L.; PISCITELLI, A. Trabajadoras sexuales, policía, migración y trata internacional de seres humanos en dos lados del océano. In: DAICH, D.; SIRIMARCO, M. (orgs.). **Género y violencia en el mercado del sexo**. Política, policía y prostitución. Buenos Aires: Biblos, 2015a. p. 173-203.
- MACHADO, I. J. de R. Afetividade e poder entre os imigrantes brasileiros no Porto. **Cadernos Pagu**, n. 23, p. 257-278, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200009>
- MACHADO, I. J. de R. Brasileiros no Exterior e cidadania (1980-2005). **Tomó**, n. 26, p. 211-245, 2015a.
- MACHADO, I. J. de R. Brazilian immigration and the reconstruction of racial hierarchies of the Portuguese Empire. In: FREDERIKSEN, B.; SORESEN, N. (orgs.). **Beyond Home and exile: Making sense of the move**. Denmark: Roskilde, 2003. p. 127-144.
- MACHADO, I. J. de R. **Cárcere Público**: Processos de exotização entre brasileiros no Porto. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- MACHADO, I. J. de R. **Deslocamentos e Parentesco**. São Carlos: EdUFSCar, 2015b.
- MACHADO, I. J. de R. Identidade e subordinação ativa: uma etnografia dos imigrantes brasileiros no Porto. In: LIMA, R. K. (org.). **Antropologia e Direitos Humanos 3**. Niterói: EdUFF, 2005. p. 185-240.
- MACHADO, I. J. de R. Movimentos e parentesco: sobre as especificidades dos deslocamentos. **Campos**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 27-42, 2017. <http://dx.doi.org/10.5380/campos.v15i2.46040>
- MACHADO, I. J. de R. Parentesco e diferencialidades: alternativas à identidade e às fronteiras étnicas no estudo das migrações. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **Desafios da Antropologia Brasileira**. Brasília: ABA, 2013. p. 153-173.
- MACHADO, I. J. de R. Reordenações da Casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. **Etnográfica**, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 5-26, 2010. <https://doi.org/10.4000/etnografica.140>

- MACHADO, I. J. de R. Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira. **Revista de Antropologia**, v. 51, n. 2, p. 700-733, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012008000200010>
- MACHADO, I. J. de R. (org.). Dossiê Brasil/Portugal: Discursos nacionalistas e suas consequências. **Temáticas**, Campinas, v. 10, n. 19/20, p. 7-8, 2002.
- MACHADO, I. J. de R. (org.). **Japonesidades Multiplicadas**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.
- MACHADO, I. J. de R. (org.). **Valadares em família: experiências etnográficas e deslocamentos**. Brasília: ABA, 2014.
- MACHADO, I. J. de R.; KEBBE, V. H.; SILVA, C. R. da. Notas sobre a família transnacional. **REMHU**, Brasília, v. 16, n. 30, p. 79-98, 2008.
- MAGALHÃES, A. O “legado” dos megaeventos esportivos: a reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 89-118, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000200004>
- MAGALHÃES, A. **Remoções de favelas no Rio Janeiro: entre formas de controle e resistências**. Curitiba: Appris, 2019. 327 p.
- MAIA, S. **Brazilian Erotic Dancers in New York: Desire and National Identity**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Graduate Center, City University of New York, Nova York, 2007.
- MAIA, S. M. Brazilian Women Crossing Borders. *In*: AARON, J.; ALTINK, H.; WEEDON, C. (orgs.). **Gendering Border Studies**. Cardiff: University of Wales Press, 2010. p. 63-82.
- MAIA, S. Cosmopolitismo, desejos e afetos: sobre mulheres brasileiras e seus amigos transnacionais. *In*: PISCITELLI, A.; ASSIS, G. O.; OLIVAR, J. M. N. (orgs.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011. p. 363-384.
- MAIA, S. Intersections of the Transnational: Brazilian dancers in New York City gentlemen's bars. **Vibrant**, v. 6, n. 1, p. 37-64, 2009a.
- MAIA, S. Sedução e identidade nacional: dançarinas eróticas brasileiras no Queens, Nova York. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 3, p. 769-797, 2009b. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000300009>
- MAIA, S. **Stripping on the margins: Brazilian women immigrants and the new geography of New York City**. 2001. (mimeo.)
- MAIA, S. **Transnational Desires: Brazilian Erotic Dancers in New York**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2012.
- MALLART, F. **Cadeias dominadas: a Fundação CASA, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos**. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, 2014.
- MALLART, F. **Findas linhas: circulações e confinamentos pelos subterrâneos de São Paulo**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- MALLART, F. *et al.* Fazer sumir: políticas de combate à crackolândia. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 1º jul. 2017.
- MALLART, F.; RUI, T. Por uma etnografia das transversalidades urbanas: entre o mundo e os dispositivos de controle. *In*: MELO, J.; SIMIÃO, D.; BAINES, S. (orgs.). **Ensaio sobre Justiça, Reconhecimento e Criminalidade**. Natal: EDUFRN/ABA, 2016. p. 433-456.
- MANSUR DA SILVA, D. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro (1956-1975)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

- MANSUR DA SILVA, D. A oposição no exílio e a memória da “resistência” ao Estado Novo em São Paulo. **Revista Migrações**, n. 5, p. 239-254, 2009.
- MANSUR DA SILVA, D. Exilados anti-salazaristas e suas relações com os nacionalismos e a questão colonial. *In*: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (orgs.). **Cruzando Fronteiras Disciplinares**. Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2005. p. 57-79.
- MANSUR DA SILVA, D. Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil (1926-1974): aspectos metodológicos de uma pesquisa. **Estudios Avanzados Interactivos**, Santiago, v. 3, n. 5, p. 20, 2004.
- MANSUR DA SILVA, D. **Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil. Formação e transferência cultural, século XX**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- MANSUR DA SILVA, D. O Portugal Democrático: Uma resistência pertinaz. **Convergência Lusíada**, v. 19, p. 108-119, 2002.
- MANSUR DA SILVA, D. Portuguese writers and scientists exiled in Brazil (1945-1974). **Vibrant**, v. 10, n. 2, 2013.
- MANSUR DA SILVA, D. Tensões pós-coloniais entre imigrantes portugueses em São Paulo. **Temáticas**, v. 10, n. 19/20, p. 61-74, 2003.
- MARQUES, A. **Crime, proceder, seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MARTES, A. C. B. A emigração brasileira e os pequenos empresários. *In*: CASTRO, M. G.; BERQUÓ, E. (orgs.). **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001. p. 375-393.
- MARTES, A. C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MARTES, A. C. B. Os Imigrantes Brasileiros e as Igrejas em Massachusetts. *In*: REIS, R. R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas de Um Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- MARTINS, J. de S. **Conde Matarazzo: O Empresário e a Empresa**. São Paulo: Hucitec, 1973.
- MARTINS, W. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- MCCLINTOCK, A. **Imperial Leather**. Nova York: Routledge, 1995.
- MESOMO, J.; DAMO, A. Remoção de populações em meio urbano: princípios, tecnologias e a mediação dos impactos a partir de Porto Alegre. *In*: URIARTE, U. M.; MACIEL, M. E. (orgs.). **Patrimônio, Cidades e Memória Social**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 73-94.
- MILLER, D. **Stuff**. Cambridge: Polity Press, 2010.
- MONTEIRO, J. A. II RIRA 96: Fechando o cerco aos clandestinos nos EUA. **Travessia**, n. 30, 1998.
- MORAES, L. E. de S. **Ein Volk. Ein Reich. Ein Führer: a seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- MORAES, L. E. de S. **Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro**. Berlin: Metropol Verlag, 2005.
- MOTTA, A. **O Japão não é longe daqui: consumo e estilos de vida**. Tóquio: Japan Foundation, 2011.

- MOURA, A. B. de M. **Remoções forçadas, moradas desmanteladas: uma intervenção estatal no Loteamento São Francisco**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- Müller, P. R. **Políticas e performances da diversidade: Etnografia de um circuito musical intercultural em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- MUNGOI, D. M. D. C. J. Resignificando Identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. **REMHU**, v. 20, n. 38, p. 125-139, jan./jun. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852012000100008>
- NASCIMENTO, S. J. do. Múltiplas vitimizações: crianças indígenas Kaiowá nos abrigos urbanos do Mato Grosso do Sul. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 265-292, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832014000200011>
- OLIVEIRA, A. C. de. **Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão? A trajetória de uma identidade em um contexto migratório**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- OLIVEIRA, F. C. B. de. **Quando resistir é habitar: lutas pela afirmação territorial dos Kaiabi no Baixo Teles Pires. Brasília: Paralelo 15, 2012.**
- OLIVEIRA, J. P. de. Fighting for lands and reframing the culture. **Vibrant**, v. 15, n. 2, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412018v15n2a400>
- OLIVEIRA, J. P. de; COHN, C. (orgs.). **Belo Monte e a questão indígena**. Brasília: ABA, 2014.
- OLIVEIRA, M. de. A sociologia da imigração no Brasil entre as décadas de 1940 e 1970. **Sociologias**, v. 20, n. 49, p. 198-228, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-02004906>
- OLIVEIRA FILHO, J. F. Leituras pós-coloniais de comemorações lusófonas: Guerras de realidade & ficção. **Semear**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 111-126, 2002.
- ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- OTA, M. E. **De fábrica de marginal a mães guerreiras: uma etnografia sobre a luta de mães de vítimas da violência do Estado**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- PADOVANI, N. C. Enredando muros e fronteiras: documentos, cartas de amor e o governo das relações entre prisões de São Paulo e Barcelona. In: FELDMAN-BIANCO, B. *et al.* (orgs.). **Migração e Exílio**. São Carlos: EdUFSCar, 2018a. p. 253-290.
- PADOVANI, N. C. **Sobre Casos e Casamentos: Afetos e amores através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona**. São Carlos: Editora UFSCar, 2018b.
- PADOVANI, N. C. Tráfico de mulheres nas portarias das prisões ou dispositivos de segurança e gênero nos processos de produção das “classes perigosas”. **Cadernos Pagu**, n. 51, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1809444920170510003>
- PADOVANI, N. C. Tramas de afetos e transações: relações tecidas por brasileiras presas em Barcelona. **Transgressões: Ciências Criminais em Debate**, v. 4, n. 1, p. 133-149, 2016.
- PATARRA, N. **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: UNPFA, 1996.
- PATARRA, N. Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392005000300002>

- PELÚCIO, L. “Sin papeles” pero con glamur: Migración de travestis brasileñas a España (Reflexiones iniciales). **Vibrant**, v. 6, n. 1, 2009.
- PERIN, V. P. P. **Um Campo de Refugiados sem Cercas: etnografia de um aparato transnacional de governo de populações refugiadas**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- PIEROBON, C. **Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- PINHO, O. S. de A. Corporalidade Afrodescendente, Nação e Emancipação. **Boletim Informativo do Projeto Atô Irê Religiões Afro-Brasileiras e Saúde**, v. 1, n. 2, p. 4-5, 2002.
- PINHO, O. S. de A. Espaço, Poder e Relações Raciais: O caso do Centro Histórico de Salvador. **Afro-Asia**, Salvador, n. 21/22, p. 257-274, 1999a. <http://dx.doi.org/10.9771/aa.v0i21-22.20969>
- PINHO, O. S. de A. Fogo na Babilônia: Reggae, Black Counterculture, and Globalization in Brazil. In: PERRONE, C.; DUNN, C. (orgs.). **The Internationalization of Brazilian Music**. Gainesville: University of Florida Press, 2001. p. 224-242.
- PINHO, O. S. de A. Só Se Vê na Bahia: A Imagem Típica e a Imagem Crítica do Pelourinho Afro-Baiano. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. (orgs.). **Brasil: Um País de Negros?** Rio de Janeiro: Pallas, 1999b. p. 87-112.
- PINTO, P.; BAEZA, C. The Syrian Uprising and Mobilization of the Syrian Diaspora in South America. **Middle East Report**, n. 284/285, p. 26-29, 2017.
- PINTO, P. G. Arab Ethnicity and Diasporic Islam: A Comparative Approach to Processes of Identity and Religious Codification in the Muslim Communities in Brazil. **Comparative Studies of South Asia, Africa, and the Middle East**, v. 31, n. 2, p. 312-330, 2011. <http://doi.org/10.1215/1089201x-1264253>
- PINTO, P. G. The Religious Dynamics of the Syrian-Lebanese and Palestinian Communities in Brazil. **Mashriq & Mahjar**, v. 3, n. 1, p. 30-40, 2015.
- PISCITELLI, A. Between Trafficking Discourses and Sexual Agency. In: ZHENG, T. (org.). **Sex Trafficking, Human Rights and Social Justice**. Londres: Routledge, 2010. p. 1-25.
- PISCITELLI, A. Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 64, p. 17-32, jun. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092007000200002>
- PISCITELLI, A. Entre a Praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs.). **Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 250-270.
- PISCITELLI, A. Entre as “máfias” e a “ajuda”: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. **Cadernos Pagu**, n. 31, p. 29-63, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200003>
- PISCITELLI, A. From Programs to Help and Marriage: Transnational Sexual, Economic and Affective Exchanges among Brazilian Women. In: GORES, C.; FERNANDES, N. (orgs.). **Intimate Mobilities, Sexual Economies, Marriage and Migration in a Disparate World**. Nova York: Berghahn, 2018. p. 167-189.
- PISCITELLI, A. Gringos nos trópicos: gênero e nacionalidade no marco do turismo sexual em Fortaleza. In: CASTRO, M. G.; BERQUÓ, E. (orgs.). **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001. p. 589-613.
- PISCITELLI, A. Migración, género y sexualidad. Brasileñas en los mercados del sexo y del casamiento en España. **Mora**, n. 18, p. 97-116, 2012. <https://doi.org/10.34096/mora.n18.329>

- PISCITELLI, A. Procurando vítimas do tráfico de pessoas: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **REMHU**, v. 19, n. 37, p. 11-26, jul./dez. 2011.
- PISCITELLI, A. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EDUERJ/Garamond/CLAM, 2013.
- PISCITELLI, A.; LOWENKRON, L. Categorias em movimento: a gestão de vítimas do tráfico de pessoas na Espanha e no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 2, p. 35-39, 2015b. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200012>
- POVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares**. Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- POVOA NETO, H.; SANTOS, M. de O.; PETRUS, R. (orgs.). **Migrações**: rumos, tendências e desafios. Rio de Janeiro: Polo Books, 2016.
- PRADO JR., C. Métodos sociológicos. **Fundamentos**, n. 7/8, p. 23-30, 1948.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of World-System Research**, v. 6, n. 2, p. 342-386, 2000. <https://doi.org/10.5195/jwsr.2000.228>
- RABOSI, F. Interações e estereótipos: os árabes de Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este a partir do comércio de fronteira. *In*: FERREIRA, A. P. *et al.* (orgs.). **A experiência migrante**: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 249-265.
- RABOSI, F. Tempo e movimento em um mercado de fronteira: Ciudad del Este, Paraguai. **Revista Sociologia e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 405-434, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752015v523>
- RAMOS, A. M. Las memorias Mapuche del “regreso”: De los contextos de violencia y los desplazamientos impuestos a la poética de la reestructuración. *In*: VERDUM, R.; IORIS, E. M. (orgs.). **Autodeterminação, autonomia territorial e acesso à justiça: povos indígenas e movimento na América Latina**. Rio de Janeiro: ABA, 2017. p. 203-228.
- RAMOS, J. S. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. *In*: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996. p. 59-84.
- RANGEL, E. Brazilian dancers: corpos exibíveis em um circo norte-americano. **Cadernos Pagu**, n. 52, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800520017>
- RENK, A. A. **A Luta da Erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- RIAL, C. Circulation, bubbles, returns: the mobility of Brazilians in the football system. *In*: ELIOTT, R.; HARRIS, J. (orgs.). **Football and Migration**: Perspectives, places, players. Londres/Nova York: Routledge, Taylor and Francis Group, 2014. p. 61-75.
- RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>
- RIBEIRO, G. L. Goiânia, Califórnia: vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania transnacional. **Série Antropologia**, Brasília, v. 235, p. 1-22, 1998a.
- RIBEIRO, G. L. Identidade brasileira no espelho interétnico: essencialismos e hibridismos em San Francisco. **Série Antropologia**, Brasília, v. 241, p. 1-28, 1998b.

- RIBEIRO, G. L. O Que faz o Brasil, Brazil. *In*: REIS, R. R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 45-85.
- RIBEIRO, G. S. A Guerra aos portugueses no Rio de Janeiro dos anos de 1890. **Oceanos**, Lisboa, p. 86-87, 2001a.
- RIBEIRO, G. S. **A liberdade em construção**: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- RIBEIRO, G. S. Antes sem pão do que sem Pátria: o antiportuguesismo nos anos da década de 1920. **Convergência Lusíada**, v. 2, p. 147-162, 2001b.
- RIBEIRO, G. S. As noites das garrafadas: uma história entre outras de conflitos antilusitanos e raciais na Corte do Rio de Janeiro – 1831. **Luso-Brazilian Review**, v. 37, n. 2, p. 59-74, 2000a.
- RIBEIRO, G. S. Desenlaces no Brasil pós-colonial: A construção de uma identidade nacional e a Comissão Mista Brasil – Portugal para o reconhecimento da Independência. **Revista Convergência Lusíada**, v. 20, p. 79-95, 2003.
- RIBEIRO, G. S. Imigração portuguesa e cotidiano no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Ibero-Americana**, v. 26, n. 1, p. 93-106, 2000b. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2000.1.24787>
- RUI, T. Da deriva pela Av. Brasil à ficção numa esquina na Maré: usuários de *crack*, refugiados da “pacificação”. *In*: LEITE, M. *et al.* (orgs.). **Militarização no Rio de Janeiro**: da pacificação à intervenção. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. p. 57-69.
- RUI, T. **Nas tramas do crack**: etnografia da abjeção. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- RUI, T. Vigiar e Cuidar: notas sobre a atuação estatal na “cracolândia”. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 6, n. 2, p. 336-351, 2012.
- SAITO, H.; MAEYAMA, T. (orgs.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Edusp, 1973.
- SAITO, H.; WILLEMS, E. Shindô-Renmei. Um problema de aculturação. **Revista de Sociologia**, v. 9, n. 2, p. 133-152, 1947.
- SAKURAI, C. **Romanceiro da Imigração Japonesa**. São Paulo: IDESP/Editora Sumaré, 1993.
- SALES, T. A Legitimidade da Condição Clandestina. **Travessia**, v. 30, p. 13-16, 1998.
- SALES, T. **Brasileiros Longe de Casa**. São Paulo: Cortez, 1999a.
- SALES, T. Constructing an Ethnic Identity: Brazilian immigrants in Boston, Mass. **Migration World Magazine**, v. 27, n. 1, p. 15-21, 1999b.
- SALES, T. O Brasil No Contexto das Novas Migrações Internacionais. **Travessia**, v. 21, p. 5-8, 1995.
- SALES, T. Pensando a Terceira Idade da Primeira Geração de Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos. **Travessia**, v. 35, p. 32-36, 1999c.
- SALES, T. Segunda Geração de Imigrantes Brasileiros nos EUA. *In*: CASTRO, M. G. (org.). **Migrações Internacionais**: Contribuições para Políticas. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd), 2001. p. 361-374.
- SALES, T.; GOULART, R. América, país de imigrantes e as crescentes restrições aos imigrantes estrangeiros nos Estados Unidos. **Travessia**, v. 25, p. 10-14, 1996.

- SALES, T.; REIS, R. **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- SALLES, M. do R. **Médicos Italianos em São Paulo**. São Paulo: Fapesp/Idesp/Editora Sumaré, 1997.
- SANJURJO, L. **Narrativas do exílio argentino no Brasil: nação, memórias e identidades**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- SANJURJO, L. Our Dead Can Speak: Social Displacements, Affects, and Political Action in Comparative Perspective. **Vibrant**, v. 14, n. 3, p. 1-19, 2017. <https://doi.org/10.1590/1809-43412017v14n3p113>
- SANJURJO, L. **Sangue, Identidade e Verdade: Memórias sobre o passado ditatorial na Argentina**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.
- SANJURJO, L.; FELTRAN, G. Sobre Lutos e Lutas: Violência de Estado, Humanidade e Morte em dois contextos etnográficos. **Ciência & Cultura**, v. 67, n. 2, p. 40-45, 2015. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200013>
- SANTOS, G. A. P. D. A Construção da Lusofonia no Portugal Pós-Colonial: Estratégias das Associações Imigrantes de Lisboa. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **Nações e Diásporas**. Estudos Comparativos entre Brasil e Portugal. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 189-222.
- SANTOS, G. A. P. D. Encontros, Alianças e Desencontros: Partidos, Associações de Imigrantes e o Estado Português nos Embates em torno da Política para Imigrantes. In: MACHADO, I. J. R. (org.). **Um Mar de Identidades**. A Imigração Brasileira em Portugal. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 103-130.
- SANTOS, G. A. P. D. **Relações interétnicas em Lisboa: imigrantes brasileiros e africanos no contexto da lusofonia**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- SANTOS, M. de O. A emergência discursiva do conceito de “pioneiro italiano” como marcador identitário e delimitador de fronteiras étnicas. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 40-52, 2014.
- SANTOS, M. de O. **Bendito é o fruto**. Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2015. 230 p.
- SANTOS, M. de O. **Bendito é o fruto: festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- SANTOS, M. de O. *et al.* **Caminhos da migração: memória, integração e conflitos**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editor, 2014.
- SANTOS, M. de O.; REINHEIMER, P. **Giralda Seyferth: muito além da Migração**. Brasília: ABA Publicações / São Leopoldo: Oiko, 2019.
- SANTOS, M. de O.; ZANINI, M. C. C. Ferrovias, etnicidade e processos migratórios: ascensão social e alteridades no mundo do trabalho. **Política & Trabalho**, v. 1, n. 37, p. 283-297, 2012.
- SASAKI, E. M. Dekasseguis: Japanese-Brazilian migrants in Japan and the identity question. **Bulletin of Portuguese-Japanese Studies**, Lisboa, v. 4, p. 111-141, 2002.
- SASAKI, E. M. Dekasseguis Retornados. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 13, n. 1, p. 99-100, 1996.
- SASAKI, E. M. Dekasseguis: trabalhadores nipo-brasileiros no Japão. **Travessia: Revista do Migrante**, v. 21, p. 20-22, 1995.
- SASAKI, E. M. Movimentos *dekassegui*: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: REIS, R. R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 343-374.

- SASAKI, E. M. Redes Sociais de Migrantes Brasileños Descendentes de Japoneses de Maringá para Japón. **JCAS Symposium Series**, v. 19, p. 421-453, 2003.
- Sassen, S. *Expulsions: Brutality and Complexity in the Global Economy*. Cambridge, MA, Londres: Harvard University Press, 2014.
- SCHADEN, E. Aculturação de alemães e japoneses no Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 4, n. 1, p. 41-46, 1956. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1956.110334>
- SCHADEN, E. O estudo socioantropológico da aculturação dos alemães no Brasil. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. 36, n. 185, 1973.
- SCHADEN, E. Problemas de aculturação no Brasil. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2., 1957, Bahia. **Anais [...]**. 1957.
- SCOTT, R. P. Duplamente atingidas: violência, mulheres e políticas do estado numa grande barragem no Nordeste. **Revista Antropológicas**, v. 23, n. 1, p. 189-201, 2012.
- SCOTT, R. P. Families, Nations and Generations in Women's International Migration. **Vibrant**, Brasília, v. 8, n. 2, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412011000200013>
- SCOTT, R. P. **Negociações e Resistência Persistentes**: agricultores e a barragem de Itaparica num contexto de descaso planejado. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009. 290 p.
- SCOTT, R. P. Projetos de desenvolvimento no rio São Francisco: administrando vocações e desigualdades. **Campos**, Curitiba, v. 14, n. 1-2, p. 15-36, 2013.
- SCOTT, R. P. *et al.* As rearticulações de sociabilidade decorrentes de migrações internacionais. **Áltera**, v. 1, n. 1, p. 37-53, 2015.
- SCOTT, R. P.; MOURA, A. B. de M. Desapropriações, resistências e o megaevento da Copa do Mundo: tempo, poder e projetos de desenvolvimento. **Revista Antropológicas**, v. 25, n. 2, p. 94-132, 2014.
- SCOTT, R. P.; VASCONCELOS, I. dos S. Mulheres migrantes na fronteira Brasil/Venezuela: casamentos, cuidados e poderes de práticas familiares. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 21, p. 1-29, 2015.
- SCUDELER, V. C. Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. In: REIS, R. R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 193-233.
- SEYFERTH, G. A Antropologia e a Teoria do Branqueamento da Raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda. **Revista do Museu Paulista**, v. 30, p. 81-98, 1985.
- SEYFERTH, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana**, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000100004>
- SEYFERTH, G. A Estratégia do Branqueamento. **Ciência Hoje**, v. 5, n. 25, p. 54-57, 1986.
- SEYFERTH, G. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 10, n. 22, p. 149-197, 2004a. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000200007>
- SEYFERTH, G. **A imigração alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento/SAB, 1974.
- SEYFERTH, G. A imigração no Brasil: comentários sobre a contribuição das Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 57, p. 7-47, 2004b.
- SEYFERTH, G. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes Antropológicos**, v. 6, n. 14, p. 143-176, 2000. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832000001400007>

- SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 53, p. 117-149, 2002. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p117-149>
- SEYFERTH, G. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. *In*: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996. p. 41-58.
- SEYFERTH, G. Etnicidade e Cidadania: algumas considerações sobre bases étnicas de mobilização política. **Boletim do Museu Nacional, Zoologia**, n. 42, p. 1-16, 1983.
- SEYFERTH, G. Imigração, Colonização e Identidade Étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil). **Revista de Antropologia**, v. 29, p. 57-71, 1987. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1986.111143>
- SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
- SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- SEYFERTH, G. Os Paradoxos da Miscigenação: observações sobre o Tema Imigração e Raça no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 20, p. 165-185, 1991.
- SEYFERTH, G. Socialização e etnicidade: a questão escolar teuto-brasileira (1850-1937). **Mana**, v. 23, n. 3, p. 579-607, 2017. <https://doi.org/10.1590/1678-49442017v23n3p607>
- SEYFERTH, G. *et al.* (orgs.). **Mundos em Movimento**: ensaios sobre migrações. Santa Maria: EDUFMS, 2007.
- SILVA, A. B. da; MURA, F. Territory and domestic ecology among the Kaiowa of Mato Grosso do Sul. **Vibrant**, v. 15, n. 2, 2018. <https://doi.org/10.1590/1809-43412018v15n2a402>
- SILVA, A. P. da; BLANCHETTE, T. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 249-280, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200010>
- SILVA, A. P. da; BLANCHETTE, T. G.; BENTO, A. R. Cinderela traída: análise de um mito brasileiro sobre o tráfico de pessoas. *In*: FELDMAN-BIANCO, B. *et al.* (orgs.). **Migração e Exílio**. São Carlos e Viçosa: EdUFSCar/ Editora UFV, 2018. p. 291-331.
- SILVA, A. P. da *et al.* Prostitutas, “traficadas” e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 153-184, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200007>
- SILVA, C. F. da. Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo. **Cadernos Metrôpole**, v. 20, n. 41, p. 223-243, 2018. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2018-4111>
- SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200012>
- SILVA, S. A. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1, p. 99-117, 2017. <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0009>
- SOARES, W. Emigração e (i) mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano. *In*: REIS, R. R.; SALES, T. (orgs.), **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 167-192.
- SOUZA LIMA, A. C. de. **Um grande cerco de paz**: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

- SPRANDEL, M. A. Aqui não é como na casa da gente...: comparando agricultores brasileiros na Argentina e no Paraguai. *In*: FRIGÉRIO, A.; RIBEIRO, G. L. (orgs.). **Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 187-207.
- SPRANDEL, M. A. **Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- SPRANDEL, M. A. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 137-156, 2006.
- SPRANDEL, M. A. Tráfico de seres humanos: novas categorias, antigos problemas. *In*: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES (org.). **Travessia na desordem global**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 187-207.
- SPRANDEL, M. A. “Vou pra rua e bebo a tempestade”: observações sobre os sabores do guarda-chuva do tráfico de pessoas no Brasil. **Cadernos Pagu**, n. 47, 2016. <https://doi.org/10.1590/18094449201600470009>
- SPRANDEL, M. A.; DIAS, G. M. A temática do tráfico de pessoas no contexto brasileiro. **REMHU**, v. 18, n. 35, p. 155-170, 2010.
- STRATHERN, M. **Reproducing the Future: Essays on Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies**. Nova York: Routledge, 1992.
- TANIGUTI, G. O imigrante segundo as ciências sociais brasileiras, 1940-1960. **Sociologias**, v. 20, n. 49, p. 142-196, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-02004905>
- TARRIUS, A. **Anthropologie du mouvement**. Caen: Paradigme, 1989.
- TARRIUS, A. **Les nouveaux cosmopolitisme: mobilités, identités, territoires**. La Tour d'Aigues: Editions de l'Aub, 2000.
- TARRIUS, A. Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, n. 59-60, p. 51-60, 1993.
- TEIXEIRA, F. do B. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. **Cadernos Pagu**, n. 31, p. 275-308, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200013>
- TEIXEIRA, R. O. S.; ZHOURI, A. O Desconhecido, o Imprevisto, o Irreparável: a implantação da barragem de Murta e o sistema de uso e transmissão da terra no Médio Jequitinhonha. **Campos**, Curitiba, v. 14, n. 1-2, p. 57-73, 2013. <http://dx.doi.org/10.5380/campos.v14i1/2.42473>
- TELLES, V. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Argymentym, 2010.
- TELLES, V. Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 46, n. 1, p. 15-41, jan./jun. 2015.
- TELLES, V. da S.; HIRATA, D. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 173-192, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000300012>
- TELLES, V. da S.; HIRATA, D. Ilegalismos e jogos de poder em São Paulo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 39-59, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702010000200003>
- THOMAZ, O. R. **Ecoss do Atlântico Sul: Representações sobre o Terceiro Império Português**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- THOMAZ, O. R. Entre inimigos e traidores: suspeitas e acusações no processo de formação nacional no Sul de Moçambique. **Travessias**, n. 4-5, p. 269-288, 2004a.

- THOMAZ, O. R. Narrativas da precariedade: desigualdade e diversidade num contexto pós-colonial. Indianos hindus em Inhambane, Moçambique. In: LIENHARD, M. (org.). **Discursos sobre l(a) pobreza**. América Latina y/e países luso-africanos. Frankfurt am Main: Nexos y Diferencias, 2006. p. 133-144.
- THOMAZ, O. R. O bom povo português: usos e costumes d'aquém e d'além mar. **Mana**, v. 7, n. 1, p. 55-87, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132001000100004>
- THOMAZ, O. R. Relações raciais em Moçambique: histórias sobre guerras, nativos e estrangeiros. In: PEIXOTO, F.; PONTES, H.; SCHWARCZ, L. M. (orgs.). **Antropologias, Histórias, Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004b. p. 199-220.
- THOMPSON, E. P. Time, work-discipline and industrial capitalism. **Past and Present**, n. 38, p. 56-97, 1967.
- TOGNI, P. C. **A Europa é o Cacém: mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2014.
- TOLEDO, E. Em torno do jornal o Amigo do Povo: Os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. **Cadernos AEL**, n. 8/9, p. 89-116, 1998.
- TOLEDO, E. **Entre nações: a imigração italiana e o sindicalismo revolucionário em São Paulo. Circulação de ideias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o advento do fascismo**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- TORPEY, J. **The invention of the Passport: Surveillance, Citizenship and the State**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- TORRESAN, A. Emoções fora do lugar: negociando amizade em Lisboa. In: MACHADO, I. J. R. (org.). **Um mar de identidades**. A imigração brasileira em Portugal. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 26-48.
- TORRESAN, A. How Privileged Are They? Middle-Class Brazilian Immigrants in Lisbon. In: VERED, A. (org.) **Going First Class? New Approaches to Privileged Travel and Movement**. Londres e Nova York: Berghahn, 2007. p. 103-125.
- TORRESAN, A. **Loud and Proud: Immigration and Identity in a Brazilian/Portuguese Postcolonial Encounter in Lisbon, Portugal**. Tese (Doutorado em Antropologia Social/Visual) – University of Manchester, Manchester, 2004.
- TORRESAN, A. **Quem Parte, Quem Fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres, Inglaterra**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- TRPIN, V.; JARDIM, D. Tendencias de los estudios migratorios en Brasil y Argentina: desafios actuales. **Odisea. Revista de Estudios Migratorios**, n. 2, p. 134-157, 2015.
- URRY, J. **Sociology beyond societies**. Londres/Nova York: Routledge, 2000.
- URRY, J. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.
- VASCONCELOS, I. dos S. Receber, enviar e compartilhar comida: aspectos da migração venezuelana em Boa Vista, Brasil. **REMHU**, Brasília, v. 26, n. 53, p. 135-151, maio/ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880005309>
- VIANNA, A. Tempos, dores e corpos: considerações sobre a “espera” entre familiares de vítimas de violência policial no Rio de Janeiro. In: BIRMAN, P.; LEITE, M.; MACHADO, C. (orgs.). **Dispositivos urbanos e tramas dos viventes: ordens e resistências**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 405-418.
- VIANNA, A.; FARIAS, J. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu**, n. 37, p. 79-116, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200004>

- VIANNA, A. R. B.; FACUNDO, A. Tempos e deslocamentos na busca por justiça entre “moradores de favelas” e “refugiados”. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 2, p. 46-50, 2015. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200014>
- VIEIRA, F. I. S. **O Japonês na Frente de Expansão Paulista**. São Paulo: Livraria Pioneira/Editora da USP, 1973.
- VIEIRA, R. O governo da mobilidade Haitiana no Brasil. **Mana**, v. 23, n. 1, p. 229-254, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442017v23n1p229>
- VINCENT, J. Engaging historicism. In: FOX, R. (comp.). **Recapturing anthropology**. Santa Fé, Novo México: School of American Research Press, 1991. p. 45-58.
- TRUZZI, O. **De Mascates a Doutores**. Sírios e Libaneses em São Paulo. São Paulo: Idesp/Editora Sumaré, 1991.
- WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- WILLEMS, E. Acculturation and the horse complex among German-Brazilians. **American Anthropologist**, v. 46, n. 2, p. 153-161, 1944.
- WILLEMS, E. **Assimilação e populações marginais no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- WILLEMS, E. **Cunha**. Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1947.
- WILLEMS, E. Recreação e assimilação entre imigrantes alemães e japoneses e seus descendentes. **Sociologia**, v. 3, n. 4, p. 302-310, 1941.
- WILLEMS, E.; BALDUS, H. Cultural Change among Japanese Immigrants in Brazil. **Sociology and Social Research: An International Journal**, v. 26, n. 6, p. 525-537, 1942.
- WOLF, E. Inventing society. **American Ethnologist**, v. 15, n. 4, p. 752-761, 1988. <https://doi.org/10.1525/ae.1988.15.4.02a00100>
- ZANINI, M. C.; POVOA NETO, H.; SANTOS, M. de O. (orgs.). **Migrações Internacionais: valores, capitais e práticas em deslocamento**. Santa Maria: EDUFMS, 2013.
- ZANINI, M. C.; SANTOS, M. de O. O trabalho como categoria étnica: um estudo comparativo da ascensão social de imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1975). **REMHU**, Brasília, v. 17, n. 33, p. 175-196, 2009.
- ZELIZER, V. **La negociación de la intimidad**. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- ZHOURI, A. Megaprojects, epistemological violence and environmental conflicts in Brazil. **Perfiles Economicos**, n. 5, p. 7-33, 2018. <https://doi.org/10.22370/rpe.2018.5.1235>
- ZHOURI, A. *et al.* O desastre de Mariana: colonialidade e sofrimento social. In: ZHOURI, A.; BOLADOS, P.; CASTRO, E. (orgs.). **Mineração na América do Sul: neoextrativismo e lutas territoriais**. São Paulo: Annablume, 2016. p. 45-66.
- ZHOURI, A. *et al.* The Rio Doce Mining Disaster in Brazil: between policies of reparation and the politics of affectations. **Vibrant**, Brasília, v. 14, n. 2, 2017. <https://doi.org/10.1590/1809-43412017v14n2p081>
- ZHOURI, A.; TEIXEIRA, R. O. Developmental Projects and Violence in Rural Brazil: The case of Hydroelectric Dams. In: VEMURI, S. (org.). **Connected Accountabilities: Environmental Justice and Global Citizenship**. Oxford: University of Oxford, 2010. p. 197-217.
- ZHOURI, A.; OLIVEIRA, R. Paisagens Industriais e Desterritorialização de Populações Locais: Conflitos socioambientais em projetos hidrelétricos. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 10-28, 2005.

Resumo

Migrações e deslocamentos: balanço bibliográfico da produção antropológica brasileira entre 1940 e 2018

Neste texto, apresentamos um balanço bibliográfico parcial da produção antropológica brasileira sobre migrações e deslocamentos entre 1940 e 2018, com especial atenção aos avanços obtidos na última década (2008–2018). Com base nesse levantamento e análise de resenhas sobre a temática, examinamos o estado das artes dessa área de estudos, considerando a sua interdisciplinaridade e destacando a relação entre conjunturas históricas, problemáticas de pesquisa e paradigmas teórico-metodológicos adotados através de tempos e espaços. Oferecemos primeiramente um sintético panorama histórico das relações entre questões migratórias, economia política, racialização, estruturas de dominação, desigualdades sociais e formação de nação, para então examinar a literatura em três diferentes períodos históricos: 1940–1980, 1990–2008 e 2008–2018. Com base nesse balanço processual (e parcial) da bibliografia existente, delineamos os avanços alcançados, assim como as limitações e os desafios a serem confrontados.

Palavras-chave: Migração; Deslocamentos; Desigualdades Sociais; Antropologia; Brasil.

Abstract

Migrations and displacements: bibliographical review of Brazilian anthropological production between 1940-2018

In this essay, we present a partial bibliographic review on migration and displacements between 1940 e 2018, granting special attention to the advances attained in the last decade (2008-2018). We examine the “state of the arts” of this field of study, on the basis of this survey and the analysis of other published reviews on this theme. Based on this survey and analysis of reviews on the subject, we examined the “state of the arts” of this area of study, considering its interdisciplinarity and highlighting the relationship between historical situations, research problems and theoretical and methodological paradigms adopted, over time and spaces. We first offer a synthetic historical overview of the relations between migration issues, political economy, racialization, structures of domination, social inequalities, and nation formation, and then examine the literature in three different historical periods: 1940-1980, 1990-2008, and 2008-2018. Based on this procedural (and partial) balance of the existing bibliography, we outline the progress achieved, as well as the limitations and challenges to be faced.

Keywords: Migration; Displacements; Social Inequalities; Anthropology; Brazil.

Résumé

Migrations et Déplacements : Bilan bibliographique de la production anthropologique brésilienne entre 1940 et 2018

Dans ce texte, nous présentons un bilan bibliographique partiel de la production anthropologique brésilienne sur les migrations et les déplacements entre 1940 et 2018. Notre attention se focalise plus particulièrement sur l'avancement des discussions qui ont marqué ces dix dernières années (2008-2018). A partir de cette enquête et de l'analyse de comptes rendus sur cette thématique, nous examinons « l'état de l'art » de ce domaine d'études, en tenant compte de son interdisciplinarité et en mettant en avant le rapport entre les conjonctures historiques, les problématiques de recherche et les paradigmes théorico-méthodologiques adoptés, à travers les temps et les espaces. Nous proposons tout d'abord un aperçu historique synthétique des rapports entre les questions migratoires, l'économie politique, la racialisation, les structures de domination, les inégalités sociales et la formation des nations, puis nous examinons la littérature de trois périodes historiques distinctes : 1940-1980, 1990-2008 et 2008-2018. A partir de ce bilan procédural (et partiel) de la bibliographie existante, nous décrivons les avancées obtenues, ainsi que les limitations et les défis à relever.

Mots-clés : Migration ; Déplacements ; Inégalités sociales ; Anthropologie ; Brésil